



Escola de Sociologia e Políticas Públicas

O ensino de Português Língua Não Materna e dinâmicas sociais

Ana Paula Monteiro Marques

Dissertação especialmente elaborada para obtenção do grau de Mestre

Mestrado em Educação e Sociedade (13.^a edição)

2017-2019

Orientação:

Professora Doutora Ana Raquel Matias – Investigadora do CIES-IUL

outubro, 2019

Resumo

Este trabalho teve como objetivo estudar a influência dos fatores socioeconómicos e linguísticos na inclusão e sucesso de alguns alunos de PLNM, numa escola específica, situada na periferia de uma área urbana.

Utilizei no trabalho entrevistas semiestruturadas a professores, coordenadores de escola, alunos de PLNM e pais. O objetivo foi a recolha de dados sobre facilitadores ou obstáculos e sugestões de melhoria à aprendizagem de PLNM. Os dados recolhidos por entrevista foram tratados pelo método de análise de conteúdo, destacando categorias para servir de indicadores, tais como o perfil sociolinguístico dos alunos de PLNM, a formação de docentes em PLNM e os recursos usados em PLNM.

As principais conclusões apontam para *déficit* de materiais pedagógicos e de formação na área ou dificuldade da mesma chegar aos professores de PLNM. Os materiais por vezes são inadequados ao perfil dos alunos. Concluí também que a classe social é determinante no sucesso escolar.

Elenquei medidas de melhoria ao PLNM, tais como: diligenciar para que a língua *nepali* conste no Portfolio Europeu das Línguas; apostar mais na Formação para professores de PLNM; ajustar os testes diagnósticos à capacidade intelectual e também à idade dos destinatários. Por fim, em relação aos alunos de PLNM, a Escola deve manifestar a sua missão última que é ensinar e possibilitar a integração social dos alunos, manifestando sempre expectativas positivas face a cada aluno.

ABSTRACT:

This work has the purpose of studying the influence of socioeconomic and linguistic in the inclusion and in the success of specific Portuguese Non-Mother Tongue's students, in a specific school, located into the environment of a big city.

In my work, I've used semi-structured interviews to teachers, school coordinators, students and parents. I wanted to collect data about enablers or obstacles and suggestions of improvements to learn Portuguese Non-Mother Tongue (PLNM). The *data* collected by interviews were treated by the method of content analyze, with categories as indicators, such as the sociolinguistic profile, the teacher's formation and the resources that are used in PLNM. The main conclusions are the *deficit* of pedagogical materials and also of formation in the area or difficulty of that

formation to reach the teachers. Very often, resources are not appropriated toward the student's profile. I concluded also that social status is very important for the success at school.

I listed improvement measures, about de PLNM, such as: endeavor for the *nepali* language are inserted in the *European Language Portfolio*; to bet more in PLNM's teachers formation; more should be done to better adjust the diagnostic tests to intellectual capacity and also to the age of recipients. At last, regarding PLNM students, school must show it's real mission, that is to teach and to make possible the social integration of the students, always expressing positive expectations toward each student.

Palavras-chave

Português Língua Não Materna

Língua Segunda

Integração

Key-words

Portuguese Non Mother Tongue

Second Language

Integration

Agradecimentos: Agradeço:

À minha família por todo o apoio, em especial aos meus pais por terem possibilitado que eu chegasse até aqui;

À Professora Doutora Ana Raquel Matias pela forma próxima e interessada como orientou este projeto;

À Professora Doutora Teresa Seabra, coordenadora do Mestrado em Educação e Sociedade, pelo apoio e incentivo que foram preciosos;

À colega Auriza Delgado pela paciência e atenção;

À colega Arlinda Leal pela disponibilidade;

A todos os colegas de turma pelo ambiente de partilha que proporcionaram;

A todos os que apoiaram este projeto.

“Não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez”. (Jean Cocteau)

INTRODUÇÃO.....	1
1. ENQUADRAMENTOS DA PESQUISA.....	5
1.1. OBJETIVOS A ATINGIR COM O PLNM	8
1.2. DEFINIÇÃO DE CONCEITOS-CHAVE.....	13
2. UM PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO	19
2.1. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO	19
2.2. METODOLOGIA	20
3. RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO	25
3.1. ENTRADA NO TERRENO	25
3.2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	25
3.3. DIFICULDADES ENCONTRADAS	25
3.4. CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	26
3.5. TRATAMENTO DOS DADOS RECOLHIDOS	26
3.6. CATEGORIZAÇÃO DE DESCRITORES POR PERFIL DE ENTREVISTADO	27
3.7. PRINCIPAIS QUESTÕES LEVANTADAS PELAS ENTREVISTAS	28
3.8. OS RESULTADOS RESPONDEM À QUESTÃO DE PARTIDA?	31
3.9. O PODER DAS EXPETATIVAS SOBRE O SUCESSO ESCOLAR DOS ALUNOS	34
CONCLUSÕES	35
BIBLIOGRAFIA.....	41
ANEXOS.....	45

INTRODUÇÃO

Sempre achei interessantes os fenómenos associados à aprendizagem de novas línguas, e novas culturas, resultantes em larga medida da evolução da sociedade para um registo cada vez mais multicultural, como fenómeno societal contemporâneo.

É abordada neste trabalho a questão da multiculturalidade, no sentido da coexistência pacífica de diferentes culturas e etnias num mesmo espaço geográfico. A Europa após a vivência de duas guerras mundiais e dos seus terríveis efeitos, e da ascensão e queda de regimes totalitários, procura um ideal de crescimento em conjunto, aliando vários países. Mas nem sempre se manifestou este ideal de coexistência pacífica. A história europeia é atravessada pela lógica de domínio de um povo sobre outro povo, verificando-se a existência de grandes impérios, tais como o português, o francês, o espanhol, o holandês, o belga. Em Portugal, a expansão marítima, levada a cabo na idade média por interesses económicos e políticos, permitiu a anexação de territórios, designadamente Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Brasil. Muita da riqueza do Portugal quinhentista e dos séculos seguintes, veio desses países, que possuíam valiosos recursos naturais (especiarias, petróleo, diamantes, por exemplo). Portugal foi um grande colonizador e daí resultaram inevitáveis intercâmbios linguísticos com os povos colonizados. Porém, na primeira metade do século XX, os países europeus iniciaram um processo de descolonização. O ideal europeu evoluía para uma lógica de intercâmbio económicos e culturais, desenvolvendo-se em ambiente de paz.

Portugal iniciou o processo de descolonização só a partir da Revolução do 25 de abril de 1974, muito depois dos seus parceiros europeus. Tal atraso deveu-se, em larga medida, à existência de um regime nacionalista, fomentado pelo Dr. Oliveira Salazar, e que persistiu, mesmo após o seu afastamento político, até 1974. “O facto mais importante deste primeiro período da Revolução é a *descolonização*.” (Saraiva, 1981: 120). Só a partir do momento em que se concretizou a descolonização é que foi possível mudar o paradigma do relacionamento com os povos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau ou Cabo Verde, que anteriormente eram colonos.

Neste trabalho, são abordadas as políticas do Conselho Europeu favorecedoras de uma plena integração de todos os cidadãos na sociedade, explanadas designadamente na “Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia”, emitida em 2016, (reformulando o primeiro texto de 2000, e a versão seguinte, de

2012) pelo Parlamento Europeu, o Conselho da Europa e a Comissão Europeia. Nessa Carta, os países envolvidos expressam o desejo de partilhar um futuro de paz e de valores comuns, tais como dignidade do ser humano, liberdade, igualdade, solidariedade. Tem como princípios basilares a democracia e o Estado de direito, sendo o ser humano o centro da sua ação. Institui a cidadania da União, o respeito pela diversidade de culturas e tradições dos povos europeus, bem como a identidade nacional, procura promover um desenvolvimento equilibrado e duradouro, criando um espaço de justiça, de liberdade e de segurança, onde é assegurada a livre circulação de pessoas, serviços e bens. A ênfase é dada, na Europa, à coexistência harmoniosa, ao trabalho feito no sentido de estabelecer relações de cooperação e respeito por diferentes culturas que têm de coexistir num mesmo território, evitando e combatendo relações de dominação de um povo sobre outro povo. *“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.”* in “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, Art.º 1.º (1948).

Pretende-se assim responder aos desafios da globalização. (in Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, Jornal Oficial da União Europeia, 2016, C 202/393). Porém, a globalização implica a integração de cidadãos europeus em países diferentes dos de onde eram originários com a conseqüente aprendizagem das respetivas línguas, por força de crescentes fenómenos migratórios. Após a Segunda Guerra Mundial, verificou-se um aumento da demografia e aumento também de fenómenos migratórios. (Matias, 2017: 151). Para concretizar esse desígnio de harmonização no reconhecimento dos níveis de aprendizagem de diferentes línguas no espaço da União Europeia (EU), os países do Conselho da Europa criaram o “Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas”. Com base nesse documento, Portugal adotou medidas de integração de cidadãos estrangeiros que decidiram viver em território nacional, mas fundamentalmente só a partir dos anos 90.

“O facto de até ao início dos anos 90 a imigração para Portugal ser essencialmente realizada por indivíduos oriundos das antigas colónias portuguesas, e por isso (...) com ligações históricas e culturais muito próximas à sociedade portuguesa, terá possibilitado que o tema tivesse sido quase desconsiderado politicamente, sendo os imigrantes maioritariamente marcados pela exclusão.” (Martins, 2006:41)

O artigo 22.º da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia refere especificamente o respeito pela Diversidade cultural, religiosa e linguística “Artigo 22.º, *A União respeita a diversidade cultural, religiosa e linguística.*”

Especificamente, no que se refere ao ensino de Português Língua Não Materna (PLNM), este constitui em si mesmo uma política pública que tem como objetivo cumprir a função de facilitador da integração plena de descendentes de imigrantes, crianças e jovens em idade escolar, ou de todos aqueles cuja língua materna não é o Português, para os quais este é, por conseguinte, uma língua segunda. O PLNM é uma disciplina do ensino básico e também do ensino secundário do currículo do sistema educativo português, existente nas escolas portuguesas. Nesta sequência, trarei ao debate conceitos como Língua Materna (LM) ou Língua primeira (L1), Língua segunda (L2) e Língua Estrangeira (LE). Abordarei o que dizem investigadores, professores, linguistas, sociólogos que estudaram o tema, nomeadamente Conceição Pereira, Maria Helena Mira Mateus, Isabel Leiria, Luísa Solla, Fausto Caels, Nuno Carvalho, Fabíola Santos, ou Cristina Roldão, explanando também o meu próprio entendimento.

A minha questão de partida é a seguinte: “*Que fatores sociais influenciam o ensino de PLNM e o seu sucesso?*” As principais hipóteses de resposta que tracei, são as seguintes: não há perfis de alunos únicos e homogéneos; e o tipo de exposição anterior à língua portuguesa fornece mais informação sobre as possíveis dificuldades dos alunos em PLNM do que as suas nacionalidades.

Pretendo trazer alguns contributos para detetar e reforçar boas práticas e perceber que fatores podem ser melhorados no ensino de PLNM e contribuir para essa reflexão.

1. ENQUADRAMENTOS DA PESQUISA

Foi decisivo na escolha do tema a leitura de um artigo da Associação de Professores de Linguística¹ que referia que havia escassez em Portugal de estudos aprofundados sobre processos de aquisição de uma língua não materna.

No âmbito de uma conferência organizada pela Associação Portuguesa de Linguística (APL), realizada em Lisboa, em maio de 2008, sobre o tema *Processos de aquisição de uma língua não materna*, os linguistas Maria Helena Mira Mateus, Fausto Caels e Nuno Carvalho, partilham os resultados de um projeto, financiado pela Fundação Gulbenkian. A reflexão centra-se nos mecanismos que entram na aquisição de uma língua segunda, por oposição à língua materna.

Esses investigadores retratam no seu trabalho as dificuldades de aprendizagem de uma língua segunda por crianças vindas de países em que a língua portuguesa é detentora de grande destaque social. Tal deveu-se a Portugal ter sido, em tempos passados, país colonizador, como referi no capítulo anterior, e ao facto de atualmente a língua portuguesa ser a língua oficial e de ensino desses países, após a independência. Assim, a língua portuguesa tem um enorme estatuto social em países como, por exemplo, Cabo Verde:

“Nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, em que as línguas nacionais são as línguas maternas da maioria da população, o Português também é língua segunda porque tem o estatuto de língua oficial e de língua de escolarização” (Mira Mateus, 2008: 2).

Nesse país, pese embora o português não ser a Língua Materna (essa é a língua caboverdiana), é a língua de escolarização: em Cabo Verde os conteúdos programáticos são transmitidos em língua portuguesa. “(...) apesar de o Português ser a língua oficial de Cabo Verde, a língua utilizada na comunicação diária (casa, rua, meios culturais, etc.) é a caboverdiana, (...)”². Só desde 2006 os decisores políticos portugueses e os pedagogos começaram a procurar estratégias para facilitar a aprendizagem da língua segunda pelos descendentes de imigrantes, anteriormente esta era uma problemática ausente do cenário político e académico. Assim:

¹ Mira Mateus, Caels, & Carvalho, (2008), *“O ensino do Português em contexto multilingue– o que aprendemos com o projecto Diversidade Linguística ”*, Encontro da APL sobre Português Língua Não Materna

² Silva, O. J. R. C. in “Aprendizagem da língua caboverdeana através de dispositivos móveis”, Por Entre as Águas do Atlântico, projetos, processos e experiências internacionais de pró-mobilidade internacional atravessando e sendo atravessados por Brasil e Cabo Verde, Spigolon, Nima I – Wanderley, C. M. – Mazza, D. (Orgs.) 2019, Navegando (edição digital), Minas Gerais, 94

“Quem procurava compreender os mecanismos que entram na aquisição de uma língua que é “segunda” em relação àquela com que se aprendeu a falar, mas cujo domínio se torna imprescindível para obter êxito escolar e social? Quem tinha mesmo uma clara ideia do que era ensinar uma língua segunda por oposição à estrangeira? Quem procurava na bibliografia produzida em países de imigração, modelos e experiências para aplicar no ensino do Português aos alunos com diferentes línguas maternas?

E, sobretudo, quem se preocupava com a especificidade da aprendizagem escolar do Português pelas crianças vindas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) que não tinham o Português como língua materna? O problema só adquiriu dimensão nacional e preocupante com o aumento da população escolar imigrante vinda de diversos países, nomeadamente do Leste europeu e da Ásia.” (Mira Mateus, Caels & Carvalho, 2008: 2)

Em Portugal, a população escolar de alunos cuja língua materna não é o Português, tem vindo a aumentar. São alunos descendentes de cidadãos de Cabo Verde, da Guiné-Bissau e, há uma década e meia, de leste europeu e asiático. (Pereira, 2017: 96). Estes alunos estrangeiros, segundo Madeira (2005), não dominam de todo, ou dominam mal a língua Portuguesa. *“O desconhecimento da língua portuguesa é um dos obstáculos à integração dos alunos e ao acesso ao currículo”.* (Madeira, 2005: 6).

No que diz respeito aos imigrantes e /ou descendentes de imigrantes, o direito a apropriar-se da língua do país de acolhimento impõe-se como prioritário, especialmente para os que estão em idade escolar, uma vez que o português é a língua de escolarização, sendo simultaneamente língua de socialização. A União Europeia carrega em si o propósito de união e “livre-trânsito” entre os povos, em primeiro lugar os pertencentes aos estados-membros. Porém, tendo em conta que as diferenças linguísticas são frequentemente um grande obstáculo à realização do “sonho europeu”, o Conselho da Europa produziu dois grandes documentos orientadores sobre a aprendizagem de uma língua segunda: o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR) e o Portefólio Europeu para as Línguas (PEL). Pretendem que estes documentos sejam dois pilares para a integração ao serviço de uma Europa unida, conseguindo comunicar as suas línguas e a sua cultura. (Machete, 2014: 52).

Como surgiu a disciplina em Portugal a disciplina de Português Língua Não Materna? Para fazer face a uma procura crescente de escolarização em território português, e no sentido de facilitar a inclusão de alunos imigrantes ou descendentes de imigrantes, o Estado tomou uma medida que consistia em dar uma atenção especial ao ensino da língua portuguesa, enquanto política pública de integração, o ensino de PLNM.

“A importância atribuída à aprendizagem do Português como língua não materna é sentida por todos os que estão em contacto com a escola actual, e a ela são dedicados documentos da responsabilidade do Ministério da Educação em que se reflecte essa preocupação. Este é o motivo da publicação do Despacho Normativo n.º 30/2007 de 10 de Agosto que “define normas e princípios de orientação para o ensino do Português língua não materna no ensino secundário”. (Mira Mateus, Caels & Carvalho, 2008: 128).

O domínio da língua portuguesa (língua não materna, ou língua segunda - L2) é essencial para estes migrantes terem sucesso, tanto no contexto de escolarização do ensino formal da escola, como em contexto não formal, de interação social. Como preparar estes cidadãos para a sociedade portuguesa, sem que eles renunciem à sua identidade cultural e linguística? Essa é uma grande responsabilidade da escola dos dias de hoje e da sociedade em geral (Mateus, 2007). A implementação do PLNM é em si mesmo uma resposta, uma vez que o desconhecimento da língua portuguesa é o maior obstáculo à integração deste público escolar, uma vez que é essa a língua de escolarização.

Tendo em vista estes aspetos particulares do ensino do português, foram publicados pela Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) dois documentos, em julho de 2005 e em setembro de 2007, com o fim de orientar a ação dos professores que têm alunos cuja língua materna não é o português. É neste contexto que se insere o documento orientador de 2005 de Ana Madeira:

“A escola é o espaço privilegiado para desenvolvimento da integração social, cultural e profissional das crianças e jovens recém-chegados. O seu sucesso escolar, intrinsecamente ligado ao domínio da língua portuguesa, é o factor essencial desta integração. Assegurar uma integração eficaz e de qualidade é um dever do Estado e da Escola.” (Madeira, 2005:3)

Este documento apresenta orientações para os alunos a frequentar os ensinos básico, secundário e o ensino para adultos, cuja língua materna não é a língua portuguesa. São igualmente abrangidos pelas medidas constantes deste documento, os alunos filhos de cidadãos nacionais em situação de retorno a Portugal, bem como os alunos inseridos no sistema educativo provenientes de diferentes grupos minoritários (filhos de pais de origem africana, brasileira, timorense ou outra, nascidos em Portugal, sempre que a sua competência linguística não lhes permita uma integração total no currículo regular). Estes alunos apresentam necessidades linguísticas, curriculares e de integração social.

1.1. OBJETIVOS A ATINGIR COM O PLNM

O ensino de PLNM no contexto escolar português pretende oferecer condições equitativas de acesso ao currículo e ao sucesso educativo, nomeadamente no que respeita à aprendizagem e ao domínio suficiente da língua portuguesa, como veículo de todos os saberes escolares. Tem como objetivo igualmente assegurar a eficaz integração dos alunos no sistema educativo nacional, independentemente da sua língua, cultura, condição social, origem e idade.

O Ensino de PLNM está previsto em vários documentos produzidos pelo Ministério da Educação e em diplomas legais de referência, designadamente nos seguintes:

- Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho - Estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens e prevê no seu artigo 6.º alínea j) Acesso à oferta da disciplina de Português Língua não Materna a alunos cuja língua materna não é o Português,
- Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho - Estabelece o regime jurídico da educação inclusiva, onde se encontra contemplada a educação bilingue, e o respeito pelas diferentes identidades culturais e linguísticas;

- Decreto-Lei n.º 17/2016, de 4 de abril - Procede à terceira alteração ao Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho.³ Neste diploma, encontram-se referências ao PLNM na secção II, artigo 10.º (para ensino básico), e na secção III, artigo 18.º (para o ensino secundário);
- Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro⁴ - define que desde o 3.º ano de escolaridade, os alunos, a partir do ano letivo 2015/16, têm pelo menos duas horas semanais da disciplina de Inglês no seu horário, estando aqui abrangidos também os alunos de PLNM.
- Decreto-Lei n.º 91/2013, de 10 de julho⁵; revoga a alínea d) do n.º 2 do que se referia à possibilidade de dar continuidade ao apoio ao estudo no 1.º ciclo, a par de outras atividades de enriquecimento curricular (AEC), definidas por despacho do governo. Ora as aulas de PLNM, não havendo um mínimo de 10 alunos para formar turma de PLNM, eram consideradas um apoio ao estudo, a par das AEC. Diminui-se expressão no horário dos alunos destes apoios.
- Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, na redação atual (Revogado pelo Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho conforme calendarização indicada no mesmo DL); (O PLNM encontra-se aqui implicado nos termos enunciados para o Decreto-Lei n.º 17/2016, de 4 de abril, anteriormente referido).
- Portaria n.º 223-A/2018, de 3 de agosto⁶. Define que alunos podem ter PLNM, indicando os níveis de proficiência linguística e como os definir, com recurso a

³ Decreto-Lei n.º 17/2016, de 4 de abril - estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos dos ensinos básico e secundário, da avaliação dos conhecimentos a adquirir e das capacidades a desenvolver pelos alunos e do processo de desenvolvimento do currículo dos ensinos básico e secundário;

⁴ Procede à primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 27/2006, de 10 de fevereiro, à segunda alteração ao Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, e à primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 79/2014, de 14 de maio, determinando a introdução da disciplina de Inglês no currículo, como disciplina obrigatória a partir do 3.º ano de escolaridade, bem como à definição da habilitação profissional para lecionar Inglês no 1.º ciclo e à criação de um novo grupo de recrutamento;

⁵ Procede à primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, que estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos dos ensinos básico e secundário, da avaliação dos conhecimentos a adquirir e das capacidades a desenvolver pelos alunos e do processo de desenvolvimento do currículo dos ensinos básico e secundário.

⁶ Regulamenta o decreto-lei O Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, que estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário quanto às ofertas educativas do ensino básico, designadamente o ensino básico geral e os cursos artísticos especializados tendo em vista o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Em concreto, materializa a execução dos princípios consagrados no decreto-lei.

teste diagnóstico. Prevê ainda medidas educativas para os alunos recém-chegados ao currículo nacional.

- Portaria n.º 226-A/2018, de 7 de agosto⁷ – define como se processa a avaliação dos alunos incluindo os de PLNM, obrigando a grupos de 10 alunos, e determinando a forma de os agrupar;
- Despacho normativo n.º 1-F/2016, de 5 de abril; Normas para a Avaliação interna e Externa dos alunos de 1.º, 2.º e 3.º ciclos, incluindo os de PLNM;
- Despacho normativo n.º 1-G/2016, de 6 de abril; Normas para a Avaliação interna e Externa dos alunos do ensino básico e secundário, incluindo os de PLNM;
- Despacho Normativo n.º 12/2011, de 22 de agosto; prevê n.º mínimo de 10 alunos de PLNM, por grupo/turma, seriados por nível de proficiência (ensino básico);
- Ofício-Circular n.º OFC-DGIDC/2011/GD/8, de 16 de agosto (este ofício determina que os alunos de PLNM de ensino secundário são agrupados por nível de proficiência, cada grupo tendo o n.º mínimo de 10 alunos).
- Despacho Normativo n.º 30/2007, de 10 de agosto, regula o PLNM, por grupos de nível e com realização prévia de teste de diagnóstico; Entra em vigor a partir de 2007/2008 (e vem alterar o Despacho Normativo n.º 7/2006, de 6 de fevereiro)
- Despacho Normativo n.º 7/2006, de 6 de fevereiro, regulamenta o PLNM, entra em vigor em 7 de fevereiro de 2006;
- Ofício-Circular n.º S-DGE/2014/3959; Avaliação externa dos alunos, incluindo os de PLNM no ensino secundário, com destaque para o n.º 6 do art.º 21.º (sobre condições de progressão e de retenção);
- Ofício-Circular n.º OFC-DGE/2013/1; regula a utilização de dicionários por alunos de PLNM nas provas e exames nacionais;

⁷ Regulamenta a oferta de cursos científico-humanísticos, designadamente dos Cursos de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e de Artes Visuais, tomando como referência a matriz curricular-base.

- Documentos da DGE, propostos no *site* institucional. Ao consultar o referido *site*, constatamos que os mesmos se encontram em destaque. A razão deve-se ao facto de servirem para emanar as grandes linhas de trabalho destinadas a orientar os professores de PLNM).

- Documento orientador - Português Língua Não Materna (2005) que foi o 1.º documento produzido pelo Ministério da Educação,

- Despacho Normativo n.º 30/2007, de 10 de agosto, através do qual é criado o Português Língua Não Materna (PLNM) como equivalente à disciplina de Português no currículo do Ensino Secundário, 2007-2008 que classifica ainda os alunos em grupos de nível de proficiência linguística em função dos resultados obtidos em teste diagnóstico - Iniciação (A1, A2); Intermédio (B1) e Avançado (B2, C1);

- Documento curricular de referência da Direção-Geral da Educação de 04-04-2008.

O Despacho Normativo n.º 7/2006, de 6 de fevereiro, como supra referido, veio regulamentar o Ensino de Português Língua Não Materna. Este diploma define com base no Quadro Europeu comum de Referência para as Línguas, vários grupos de nível de proficiência linguística, a saber:

- a) Iniciação (A1, A2);
- b) Intermédio (B1);
- c) Avançado (B2, C1).

Em 2011, a Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) - à qual sucedeu a atual Direção-Geral de Educação (DGE) - enviou aos estabelecimentos de ensino um ofício circular (Ofício-Circular n.º OFC-DGIDC/2011/GD/8) em que esclarece que o PLNM se destina a alunos dos níveis de iniciação e intermédio, que não frequentam a disciplina de Língua Portuguesa, informando que as turmas de PLNM devem ter, pelo menos, 10 alunos, não sendo estes alunos agrupados por níveis de escolaridade, mas antes por níveis de proficiência linguística. Inclusive, podem mesmo agrupar-se alunos dos níveis de iniciação e de nível intermédio. Os materiais devem ser adequados à faixa etária dos alunos. Porém, num esclarecimento do mesmo ano de 2011, a DGIDC informa que quando não há turmas de 10 alunos, a escola deve providenciar atividades de apoio de PLNM.

A propósito da obrigatoriedade, antes inexistente, de as turmas de PLNM terem como condição obrigatória para a sua constituição um número mínimo de 10 alunos, tal condição constitui “(...) *uma regressão significativa relativamente à situação anterior(...)*” (Pereira, 2017: 99). Se não há um mínimo de 10 alunos, segundo um esclarecimento publicado na página da DGIDC (2011), a escola deve proporcionar atividades de apoio de PLNM. Porém, como se trata de atividade extracurricular, muitas vezes não há disponibilidade dos professores para tal, por não terem tempos não letivos de que possam dispor. Por outro lado, esta autora alerta que é preciso retirar a ideia de que os alunos de PLNM são alunos com dificuldades. Pereira (2017) alerta para o perigo de uma regressão sobre as boas práticas que até 2011 iam possibilitando uma melhor integração dos alunos de PLNM, cuja língua materna não é o Português.

A aprendizagem de uma nova língua funciona em três frentes distintas: o ensino técnico da língua, a aquisição de competência cultural e a aprendizagem que consiste na aquisição de competências para a cidadania.

A diferentes níveis de proficiência linguística, correspondem diferentes medidas educativas previstas. Os níveis são definidos por meio de um teste diagnóstico, que assume um papel importantíssimo no futuro percurso do aluno de PLNM, uma vez que define onde o aluno se vai situar.

Segundo o QECR, os alunos nos níveis Iniciação (A1, A2) e Intermédio (B1) frequentam a disciplina de PLNM, em substituição da disciplina de Português, caso a escola reúna as condições para constituir turma de PLNM (mínimo 10 alunos). Caso tal não seja possível, os alunos frequentam a disciplina de Português, mas acompanham o currículo de PLNM, podendo beneficiar de aulas de apoio de PLNM. Como o objetivo é de permitir uma melhor integração destes alunos, a DGE apresentou várias propostas no seu *site* institucional, nomeadamente um Documento curricular de referência, com orientações programáticas sobre PLNM para o ensino secundário. Indica, em *nota/ observações* que o mesmo documento poderá também ser utilizado no ensino básico, se forem feitas as devidas adaptações à faixa etária dos alunos, uma vez que a sua organização tem por base níveis de proficiência e áreas temáticas. No referido *site* da DGE, encontram-se estudos e projetos que foram desenvolvidos no âmbito do PLNM onde se destaca a “*Avaliação de Impacto e Medidas Prospetivas para a Oferta do Português Língua Não Materna (PLNM) no Sistema Educativo Português*” (DGE, 2014), (Madeira *et al.*) o primeiro estudo feito por meio de inquéritos aplicados a escolas onde existia a oferta de PLNM e o mesmo tipo

de intervenção, mas no 1.º, 2.º e 3.º ciclos e secundário, nos anos letivos 2011/12, e 2012/2013.

Os alunos de nível Avançado (B2, C1) acompanham o currículo nacional de Português, podendo, por decisão da escola, beneficiar de aulas de apoio no âmbito do PLNM.

1.2. DEFINIÇÃO DE CONCEITOS-CHAVE

Como já vimos, a oferta da disciplina de Português Língua Não Materna (PLNM) e/ou de medidas específicas de apoio no ensino básico (1.º, 2.º e 3.º ciclos) e no ensino secundário, (tanto nos cursos científico-humanísticos, como nos cursos artísticos especializados), destina-se a alunos cuja língua materna é diferente do português. Vimos também que estes alunos necessitam de dominar a língua portuguesa para apreender o currículo académico e para conseguir integrar-se na sociedade (filhos de cidadãos nacionais em situação de retorno a Portugal e ainda filhos de pais de origem africana, brasileira, timorense ou outra, nascidos em Portugal), Pereira (2017), e Madeira (2014).

Entende-se por língua materna (LM) a língua que a criança aprende com a mãe, ou figura tutelar que assuma o lugar desta (uma avó, ou outro familiar de referência). É a primeira língua que ela aprende.

“ A designação de língua materna está normalmente associada ao papel da mãe na sociedade. A mãe transmite a sua língua à criança, que por sua vez a adquire de forma natural. Trata-se da primeira língua da criança.” (Machete, 2014: 11)

E a língua estrangeira (LE)? Refere-se a uma língua aprendida num contexto formal, essencialmente em ambiente escolar. (Machete, 2014: 11) Não é usada como meio de comunicação no país em que é ensinada. (Pereira, 2017: 95). A língua estrangeira não corresponde à língua de “socialização primária” (Grosso, 2005: 608). Todos os filhos de imigrantes que não falam o português estão englobados aqui. Independentemente do grau de proficiência do falante (em alguns casos, ele pode ter até um grau de proficiência muito elevado), ela permanece algo que lhe é exterior pois não nasceu com ele.

Já a língua segunda (L2), do ponto de vista do falante, refere-se uma língua que não é a sua língua nativa. Porém, no território em que esse falante se encontra,

essa língua tem um estatuto social privilegiado – é a língua usada em comunicações oficiais, na escola e na economia. (Mateus, 2009: 128).

Na sua tese de doutoramento, Flores (2008) refere-se à discussão que existe em torno destes conceitos em Klein (1986). Os investigadores não chegaram ainda a um consenso sobre o conceito, ainda recente, de Português Língua Não Materna, “carecendo de uma definição clara”. (Flores, 2013: 11). Sobre o mesmo tema, Leiria refere:

“Nesta linha de argumentação, é o estatuto político da língua não materna que define a sua classificação como língua estrangeira ou segunda. A língua é considerada L2 se tiver um estatuto sociopolítico no país em que vive o falante, sendo, por exemplo, uma das suas línguas oficiais.” (Leiria, 2004)

A língua nacional ou oficial é o idioma falado num dado território e por referência a esse mesmo território.” É importante para um estrangeiro ou filho de estrangeiro que não fale a língua do país de acolhimento, a língua nacional desse país, aprender essa nova língua, sob pena de a sua socialização ficar comprometida. Se as políticas adotadas pelo Estado tiverem um cunho educativo, promove-se a criação de países multilingues; se as políticas forem motivadas por fatores assimilacionistas, há mesmo o propósito explícito de esquecimento da Língua materna.

A Língua não materna é todo o idioma que não coincide com aquele que esteve na base da socialização primária.

1.3. O TEMA DO ENSINO DE PLNM OU DE UMA QUALQUER LÍNGUA NÃO MATERNA EM TRABALHOS DE DIVERSOS AUTORES

Em 29 e 30 de outubro de 2009, a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) organizou um seminário sobre metodologias de ensino de PLNM no qual investigadores, como Dulce Pereira, Luísa Solla, Fabíola Santos, Fausto Caels e Maria Helena Mira Mateus partilharam estudos realizados em escolas que tinham implementado o PLNM. Nesse seminário é referido o trabalho projetado para realizar numa escola, sendo o PLNM uma forma por excelência de integração de alunos que não dominam a língua portuguesa. São abordados vários aspetos da aprendizagem

PLNM: língua como objeto de estudo por si mesma, a língua como veículo de comunicação e estabelecimento de relações interpessoais, ou meio de aprendizagens curriculares. Das comunicações do referido seminário resultou um artigo conjunto de Maria Helena Mira Mateus, Fausto Caels e Nuno Carvalho (2008). Segundo esse artigo, resultante do seminário de 2009 supra referido, a aprendizagem da primeira língua, ou língua materna, faz-se de forma automática. Porém, a faculdade do ser humano relacionada com a aprendizagem da primeira língua não se mantém igual na aprendizagem da segunda língua. A oralidade deve preceder o domínio da escrita. A aprendizagem de uma segunda língua implica adquirir um novo sistema de sons, muito novo vocabulário e novas regras gramaticais, além de diferentes construções do discurso. (Mira Mateus, *et al*, 2008). Mira Mateus (2007) faz recomendações ao M.E. sobre a implementação de PLNM. No mesmo texto, recomenda que a tutela emane orientações concretas sobre como fazer o diagnóstico de nível. Sugere que o Ministério organize cursos ou ações de formação sobre como fazer avaliações de diagnóstico. Pede que o M.E. crie condições para que o ensino superior ofereça formação, a ser dada na formação de base, que capacite os professores para ensinar uma língua não materna. A aquisição de uma nova língua é segundo o linguista Cummins (2000), um processo demorado:

“A língua de conversação de todos os dias pode ser adquirida em dois anos, enquanto a aquisição da competência linguística necessária para acompanhar o curriculum pode exigir cinco a sete anos ou mais.”

Segundo Garcia (1991), um bom domínio da língua materna é condição para se dominar no futuro outras línguas. O domínio da primeira língua fornece as ferramentas necessárias, num processo dividido em etapas, com precedência umas sobre as outras.

A perspectiva da investigadora Ofélia Garcia vem enriquecer o conhecimento sobre o processo de aprendizagem de novas línguas com o seu novo conceito de *“translanguage”*. A mesma investigadora participou como oradora em Hannover, em junho de 2017, numa Conferência subordinada ao tema *“O Multilinguismo e a Diversidade de leituras”*. A comunicação dela incidiu sobre o conceito de *“Translinguismo”*. Nessa conferência ela refere que o conceito lhe foi inspirado por uma criança. A investigadora assistia um dia a uma aula de espanhol para alunos falantes de inglês. As crianças usavam o seu repertório linguístico e iam ouvindo as palavras noutra língua. Então a investigadora perguntou a uma criança o que estava a acontecer naquela aula. A criança respondeu que apesar da língua espanhola (pois

era essa a língua estrangeira que ela estava a ouvir!) Ihe chegar ao coração, a língua inglesa era a que lhe corria nas veias. Há pois aqui um processo muito mais complexo. A língua nova que estamos em processo de aprender e a língua que dominamos desde que nascemos, ambas funcionam como um todo e não de forma separada. Ela diz que não podemos ignorar o repertório linguístico da criança/ aluno. Quando o professor não tem em conta a “*translinguagem*” (*translanguage*), comete injustiça social para com os falantes de línguas minoritárias. Os falantes têm de se apropriar da nova língua em conjunto com a língua que já conhecem. A “*translinguagem*” é o espaço em que um falante vai construindo uma mensagem com recurso à língua em que se sente mais confortável, isto é, na sua língua materna onde ele é autóctone. A “*translinguagem*” existe, nesta perspetiva, nas fronteiras de cada língua. A investigadora Dulce Pereira (2017) estudou a tensão presente subjacente à L1 e à L2, registando-se com frequência uma relação de dominação da L2 sobre a L1. Por sua vez, o linguista Culmins (2005) usou o termo “*heritage speaker*” para se referir aos falantes de segunda e a terceira geração, nomeadamente de imigrantes residentes no Canadá. O termo não tem uma conotação negativa de aquisição incompleta ou imperfeita da língua. Trata-se um conceito muito utilizado atualmente. Barbosa e Flores (2011) propõem a tradução “falantes de herança”. Designam com esse termo falantes de segundas e terceiras gerações de emigrantes portugueses. Contudo, este estudo do bilinguismo de herança enquanto conceito do campo de investigação da linguística está muito no início em Portugal. Há uma grande clivagem entre a língua falada por estes falantes e os “nativos” do país de origem ou autóctones. Que razões estão na origem desta derivação da língua? Há grande discussão em volta do próprio processo como se adquire uma língua. A criança aprende a sua língua nativa sem um manual ou um professor formal. É conhecida a teoria generativa da aquisição da linguagem da autoria de um linguista, Noam Chomsky (1965, 1981). Sabe-se nos nossos dias que o homem tem uma capacidade natural, inata, para adquirir a linguagem. Talvez pela sua apetência por comunicar e aprender uma linguagem, e isso o define como ser humano. Por necessidade de sobrevivência também. Essa faculdade existe e atualiza-se com a exposição da criança a uma dada língua. É o que acontece com qualquer língua. Por isso é o que acontece também com a língua portuguesa.

O caso de Genie, criança isolada do mundo até aos 14 anos foi a base de teorias que dizem que a criança tem de aprender a língua materna numa fase precoce, senão já não é possível aprender e dominar a língua. Por isso muitos estudiosos defendem que para se aprender uma segunda língua só é possível fazê-lo de forma

precoce e nunca por exposição tardia à língua, havendo a ideia que há uma idade ideal para aprender línguas. Porém há também pesquisas que sustentam que o ser humano tem uma mente com capacidades inatas de multilinguismo. (Meisel, 2001). O caso dos falantes de herança é diferente. Tomemos como exemplo os filhos de emigrantes portugueses na Alemanha. A língua do contexto familiar é o português. Mas o alemão é a língua dominante na comunidade onde se inserem. Regista-se uma relação de dominação dessa língua sobre o português. Estes falantes relegam a sua língua de contexto familiar, que seria a Língua materna ou primeira, para 2.º plano. A Língua segunda, o alemão, pela sua importância sociopolítica torna-se a língua principal. Havendo uma língua dominante ou maioritária, a língua do país de origem, dos pais, perde importância. Perdem proficiência linguística na língua de herança (LH), o português. O grau de proficiência na língua maioritária e na LH é desigual, sendo muito maior na língua maioritária, havendo muito maior exposição linguística do que na LH - Flores, C., Melo-Pfeifer, S. (2014). Neste caso, a língua falada em casa não é a dominante, sendo a língua do território onde o descendente de imigrante habita, a língua que ele melhor domina. E ainda: “(...) *Muitos estudos na área das migrações internacionais têm contribuído para a percepção da inevitabilidade da perda da língua materna/primeira por parte das populações de origem imigrante.*” (Matias, 2017: 159).

2. UM PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO

2.1. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

O tema deste trabalho é a disciplina de Português Língua Não Materna (PLNM) e dinâmicas sociais. O meu trabalho irá debruçar-se somente sobre alguns aspetos do ensino de PLNM. Não pretende ser um estudo exaustivo sobre o tema. Isto é, dentro de um tema tão vasto como o de uma medida tomada pelo governo português, com vista à integração, na escola e na sociedade em geral, de crianças de origem migrante, irei estudar a relação entre migrações, integração de migrantes na sociedade e ensino de PLNM. Apresentarei um estudo de caso, com base em entrevistas feitas a professores e a alunos de PLNM de uma escola, em maio/ junho de 2019.

A minha questão de Partida é a seguinte: “Que fatores sociais influenciam o ensino de PLNM e o seu sucesso?”

Esta questão foi subdividida nas seguintes subquestões:

SUBQUESTÃO 1 - Qual o perfil sociolinguístico dos alunos que frequentam o PLNM?

SUBQUESTÃO 2 - Estará o PLNM a contribuir para a inclusão social dos alunos que a frequentam?

Fiz um levantamento de várias hipóteses que pretendo através do trabalho sobre os dados recolhidos, confirmar ou infirmar/refutar, a saber:

HIPÓTESE 0

Não há perfis de alunos únicos e homogéneos.

HIPÓTESE 1

O tipo de exposição anterior à língua portuguesa fornece mais informação sobre as possíveis dificuldades dos alunos em PLNM do que as suas nacionalidades.

Ao definir os objetivos subjacentes à realização destas entrevistas, identifico os seguintes:

OBJETIVO 1:

Conhecer, numa escola, alguns alunos com apoio de PLNM a nível socioeconómico e linguístico.

SUBOBJETIVO 1.1.

Compreender a influência dos fatores sociais e sociolinguísticos na inclusão e sucesso de alguns alunos de PLNM de uma escola específica situada na periferia de uma área urbana.

OBJETIVO 2:

Saber se a frequência de apoio em PLNM fornece aos alunos entrevistados ferramentas necessárias ao seu sucesso escolar.

A primeira hipótese foi designada como hipótese 0, porque se encontra na base de todas as outras hipóteses. É uma hipótese prévia.

2.2. METODOLOGIA

Na metodologia deste trabalho, interessou-me o uso de métodos qualitativos por possibilitarem um estudo exploratório com profundidade, aumentando a compreensão do fenómeno que escolhi estudar. (Neves & Guerra, 2015: 72).

Para realizar este trabalho procedi à recolha de dados por meio de entrevistas, a fim de obter as perspetivas de professores de PLNM e daqueles cujo grupo-turma integra alunos de PLNM, de alunos de PLNM e respetivos Encarregados de Educação, e de Diretores de escolas onde é ministrado o PLNM. Para facilitar a fixação e memória dos dados, gravei em registo áudio as entrevistas. Apercebi-me que era difícil obter dados por este método. Um dos grandes problemas das entrevistas é estudar fenómenos coletivos através de várias vozes individuais (Bardin, 2018: 90 - 91). Outra dificuldade é o próprio discurso oral, cheio de hesitações, recuos e incongruências. Trata-se em larga medida de uma fala espontânea. As entrevistas estruturadas e também as semiestruturadas contêm uma grande dose de subjetividade: estamos perante a fala de uma pessoa.

“Qualquer pessoa que faça entrevistas, conhece a riqueza desta fala, a sua singularidade individual, a aparência por vezes tortuosa, contraditória, “com

buracos”, com digressões incompreensíveis (...). Uma entrevista é, em muitos casos, polifónica.” (Bardin, 2018: 90).

A técnica usada foi a da análise de conteúdo. Sendo a análise de conteúdo um conjunto de técnicas de análise das comunicações (Bardin, 2018: 33), a mesma foi usada nos domínios descritos na seguinte tabela:

Código usado	Suporte	Comunicação dual “diálogo”	Comunicação em grupo restrito
Linguístico	Oral (gravado em registo áudio, e transcrito posteriormente)	Entrevistas semiestruturadas conforme um guião	Entrevista de grupo

Numa fase inicial, comecei por realizar duas entrevistas exploratórias: a uma mãe de alunos de 3.º ciclo que tiveram PLNM só a partir do 2.º ciclo e também a uma professora de 3.º ciclo de alunos de PLNM. Os objetivos que me nortearam, ao realizar estas primeiras entrevistas, prendem-se com um primeiro contacto a realidade social que está na base da implementação da medida que quero estudar. Foram entrevistas que me iniciaram na exploração de campo sobre esta temática, a qual é muito mais complexa do que eu supunha. Planeei pesquisar então a realidade de alguns alunos de PLNM, de uma escola para colher as perceções sobre implementação desta medida. Após esta fase exploratória, e já numa fase posterior, realizei entrevistas semiestruturadas seguindo um guião, numa escola de 1.º ciclo, conforme descrito na tabela infra.

Designação dos Participantes	Tipo de entrevista	Número de participantes	Perfil do participante	Duração da entrevista
Mãe de alunos de 3.º ciclo que tiveram PLNM só a partir do 2.º ciclo	Exploratória	1	Migrante, jovem adulta	45 min.
Professora de 3.º ciclo de alunos de PLNM	Exploratória	1	Professora efetiva, 3.º ciclo /Sec., de uma escola da margem sul	24 min.
Coordenadora /	Entrevista de	1	Coordenadora de	30 min.

professora	trabalho de campo		escola/ professora de apoio de PLNM	
Professoras de 1.º ciclo	Entrevista de trabalho de campo	2	Professoras cujo grupo-turma tem alunos com apoio de PLNM-	40 min
Aluna com apoio de PLNM	Entrevista de trabalho de campo	1	Aluna de 1.º ciclo, do 2.º ano, de 7 anos, nascida no Nepal	20 min.
Aluno com apoio de PLNM	Entrevista de trabalho de campo	1	Aluno de 1.º ciclo, do 3.º ano, de 8 anos, nascido no estrangeiro, não conseguindo determinar a localização precisa, vindo da Dinamarca, com ascendência nepalesa.	20 min
Encarregado de Educação da aluna de 1.º ciclo, entrevistada, com Apoio em PLNM	Entrevista de trabalho de campo	1	Progenitor masculino da aluna, natural do Nepal	22 min.
Encarregado de Educação do aluno de 1.º ciclo, entrevistado, com apoio em PLNM	Entrevista de trabalho de campo	1	Progenitor masculino do aluno, natural do Nepal	17 min.

Pedi previamente autorização, por escrito, para realizar este trabalho: à escola (por *e-mail*), e, aos pais das crianças que entrevistei para o fazer (que assinaram uma declaração a autorizar que entrevistasse os seus filhos).

Decidi usar no meu trabalho entrevistas semiestruturadas, seguindo um guião, por ser um modelo exequível numa escola, em que o contacto com cada aluno para a realização da entrevista aconteceu num único encontro (Bardin, 2018: 89). As

entrevistas são semi-diretivas e muitas vezes mesmo diretivas, para conseguir manter o fio condutor na recolha dos dados. Pretendi conhecer um caso de uma escola onde se implementa atualmente o ensino de PLNM: como implementaram, que balanço fazem?

Na construção dos guiões de entrevista procurei recolher dados sobre, a saber: o universo dos alunos onde está implementado o PLNM (número total de alunos da escola e número de alunos que frequentam PLNM); a localização e caracterização da escola; isto é, o contexto socioeconómico de alunos de PLNM e de suas famílias. Inquiri também há quanto tempo tinha sido implementado o PLNM na escola.

Por outro lado, procurei verificar como são trabalhadas as competências de compreensão e produção, orais e escritas; que recursos são usados na aprendizagem e no ensino de PLNM; os recursos são considerados suficientes/ insuficientes. Outro aspeto importante foi conhecer a ligação escola/ família (frequência com que os pais, por um lado são “chamados” à escola e por outro procuram espontaneamente esse contacto). Quis também conhecer a ligação, existente ou não, sobre naturalidade de cada aluno e sucesso na aprendizagem de PLNM; fatores favoráveis na aprendizagem de PLNM; obstáculos à aprendizagem de PLNM: constrangimentos existentes e, finalmente, sugestões de melhoria ao PLNM.

Com as professoras de turma, usei a metodologia grupo-focal, técnica usada no âmbito da investigação qualitativa, (Bryman, 2012: 501) em que o diálogo incidiu sobre um tema, a saber: os alunos com apoio de PLNM que integram essas turmas.

As entrevistas com os alunos duraram em média vinte minutos. A duração das entrevistas tinha de ser bem doseada pois se alongasse mais, tornar-se-ia um esforço para alunos tão jovens. As entrevistas aos pais duraram entre dezassete minutos (a entrevista do pai do aluno) e vinte e dois minutos (a entrevista ao pai da aluna). As entrevistas às professoras e à coordenadora demoraram entre quarenta a trinta minutos, respetivamente.

Trabalhei o material recolhido (as entrevistas) pelo método da análise de conteúdo, produzindo um sistema de categorias (Bardin, 2018: 146).

3. RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

3.1. ENTRADA NO TERRENO

Iniciei cedo a abordagem ao terreno. Logo em outubro de 2018 iniciei os contactos com a escola pretendida, para assegurar que quando necessitasse, obteria prontamente o acesso, preferencialmente em março/abril de 2019. A escola manifestou também cedo a sua disponibilidade em me facultar o acesso aos alunos, pais e corpo docente que eu precisava interrogar. Em março procurei realizar as entrevistas. Porém, apesar de todos os cuidados que já referi, o acesso revelou-se difícil por imponderáveis de saúde do meu elemento de contacto que se traduziram em problemas de saúde imprevistos de familiares. Consegui, assim, o acesso ao terreno numa fase mais tardia (inícios de julho de 2019), quando pensava já que esse atraso iria inviabilizar a conclusão, em tempo, da análise de dados.

3.2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A escola onde recolhi os dados situa-se na área metropolitana de Lisboa, no meio de uma zona habitacional, com muitos prédios em volta. É composta por um só piso térreo, formando um “T”. Possui uma zona central, mais ampla, de refeitório. Dispõe de sala Polivalente, cozinha, sala de ATL, salas onde funciona o Jardim de Infância, Biblioteca, sala de recursos, salas de aula, a sala de professores e estruturas de apoio, como balneários e corredor com cabides personalizados para cada aluno. Tem um grande espaço exterior que circunda toda a escola, onde as crianças se encontram nos momentos de recreio. Realizei todas as entrevistas na escola, nas instalações da coordenadora, amavelmente cedidas para o efeito. Tratava-se de uma sala pequena e acolhedora, mobilada com uma secretária e duas cadeiras, duas mesas de apoio e um pequeno sofá de três lugares. Disponha de um computador e uma impressora.

3.3. DIFICULDADES ENCONTRADAS

Enfrentei dificuldades de diversa ordem, nomeadamente ter tido uma entrada tardia no terreno, que me limitou o campo de ação. Por outro lado, a tentativa de

acesso a outro agrupamento de escolas revelou-se demasiado exigente por exigir muitas formalidades que ainda iniciei, mas abandonei por ser um processo demasiado moroso. Quando tive finalmente a possibilidade de efetuar as entrevistas na 1.^a escola, contava entrevistar os 5 alunos com apoio de PLNM. Porém tal não sucedeu, pois um deles, ucraniano, viajou, estando a faltar, voltando só em setembro. Quanto aos outros dois, de etnia chinesa, sucedeu que não obtive permissão dos pais para realização das entrevistas. A juntar a isto, a pouca idade dos alunos, uma de 7 e outro de 8 anos. Há ainda a registar o reduzido conhecimento da língua portuguesa pelos alunos e pais, que dificultava a realização das entrevistas e o desconhecimento da língua dos alunos e pais por parte da investigadora.

3.4. CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Os alunos entrevistados, dois alunos de ascendência nepalesa (um aluno e uma aluna, de 8 e 7 anos, respetivamente) têm apoio de PLNM, e apresentam muitas dificuldades em se exprimir em língua portuguesa, por isso a comunicação não foi fácil, desconhecendo eu, a investigadora, a língua materna dos alunos e respetivos pais, a língua nepalesa. Os encarregados de educação que entrevistei, em ambos os casos foram os progenitores masculinos dos alunos, que, inicialmente, mostraram alguma inibição. Um deles (o pai do aluno) manteve uma atitude de alguma inibição e reserva ao longo da entrevista. Pelo contrário, o outro progenitor (pai da aluna) revelou uma abertura gradual, tornando-se mais expansivo e confiante no final, agradecendo-me o interesse que manifestei pela sua filha. Exprimi que, pelo contrário, eu é que lhe estava grata.

Usei a estratégia de chegar entrevistados através de um contacto privilegiado: a coordenadora de uma escola de 1.^o ciclo. Esse elemento conhecia bem os alunos e os pais que entrevistei. As professoras que entrevistei dão aulas na escola em apreço, a grupos-turma onde se encontram integrados alunos que tinham apoio de PLNM.

3.5. TRATAMENTO DOS DADOS RECOLHIDOS

Tomando a questão de partida que tem a ver com sucesso de PLNM e sua relação com fatores sociais, os dados que recolhi por entrevista foram tratados pelo

método de análise de conteúdo. A análise de conteúdo agrupa os temas mais marcantes nestes interlocutores significativos para o tema da implementação do PLNM. Permite ler e destacar a informação relevante, por categorias para servir de indicadores ou descritores, relativamente às subcategorias a considerar. Essas categorias permitem destacar no discurso os grandes temas que pretendo estudar, permitindo daí retirar inferências, facilitando a reflexão sobre os mesmos.

3.6. CATEGORIZAÇÃO DE DESCRITORES POR PERFIL DE ENTREVISTADO

Tendo em conta o perfil de cada entrevistado, categorizei os descritores na análise de conteúdo. Nessa conformidade, para o perfil de entrevistado “Alunos”, à primeira categoria corresponde “Perfil sociolinguístico dos alunos de PLNM”. Nesta categoria, elenquei subcategorias como: identificação da sua língua materna, aspetos sociolinguísticos do agregado familiar (línguas faladas pelos pais, línguas faladas entre filhos e pais), domínio (ou não) de línguas estrangeiras e, finalmente, identificação da(s) língua(s) falada(s) pelo aluno (na escola, com os seus pares). A segunda categoria relaciona-se com a escolarização do aluno e nela identifiquei: o percurso de aprendizagem anterior, dificuldades de aprendizagem sentidas e hábitos de estudo. Já na categoria três foram elencados os tempos livres/ interesses e passatempos dos alunos. Na categoria quatro procuraram apurar-se quais as expectativas escolares e profissionais do aluno.

Relativamente ao perfil de entrevistado “Pais”, a primeira categoria elencada foi o percurso migratório da família, recolhendo dados como a data de chegada a Portugal e a data de entrada na escola. A segunda categoria pretendeu recolher informação sobre a escolarização do aluno, com subcategorias como percurso de aprendizagem anterior, dificuldades de aprendizagem e hábitos de estudo. Por outro lado, na terceira categoria elenquei a relação da família com a escola, com várias subcategorias, designadamente, apoio dos Pais/ Participação dos pais na escola, nível de escolaridade dos pais e práticas de literacia dos pais. No que diz respeito à quarta categoria, tratava a perceção dos pais sobre interesses dos alunos, nomeadamente, passatempos dos alunos. Quanto à quinta categoria, descrevi-a como expectativas escolares dos pais para o aluno, nos seguintes termos “expectativas para o futuro, a nível escolar e profissional”.

Para o perfil de entrevistado “Professores”, a primeira categoria enunciada foi Formação de docentes, que dava conta da formação específica dos Professores em

PLNM, tanto no que se refere à formação inicial, como à formação especializada. A segunda categoria focava-se nos recursos e materiais pedagógicos, mais especificamente o grau de adequação dos mesmos aos diferentes perfis de alunos de PLNM. Finalizando, a terceira categoria referia-se ao acesso às novas tecnologias.

3.7. PRINCIPAIS QUESTÕES LEVANTADAS PELAS ENTREVISTAS

As entrevistas a alunos de PLNM pretenderam recolher dados sobre o seu perfil sociolinguístico. No caso dos dois alunos inquiridos, a língua materna é o *nepali* (língua nepalesa), tanto no caso da aluna como do aluno a sua língua materna é o nepali/ nepalês e em casa, com os pais e família chegada falam em nepalês.

No que diz respeito a aspetos sociolinguísticos do agregado familiar, as línguas faladas pelos pais, dependendo do contexto, são o nepali (em família), o português (no universo laboral) e também o inglês. Entre pais e filhos, em família, falam em língua nepalesa. A través das respostas dadas nas entrevistas, foi transmitida a informação sobre o domínio (ou não) de línguas estrangeiras e, finalmente, identificação da(s) língua(s) falada(s) pelo aluno (na escola, com os seus pares). Apurei que os alunos e seus pais dominam bem uma língua estrangeira, a saber, a língua inglesa. Com os seus pares, na escola, os alunos falam em português (na escola) mas com alguns amigos, também eles nepaleses, a língua falada é a nepalesa.

Quanto à categoria dois, sobre a escolarização do aluno, foi identificado o percurso de aprendizagem anterior, dificuldades de aprendizagem sentidas e hábitos de estudo. Ambos os alunos foram escolarizados em língua portuguesa, tendo frequentado o ensino pré-escolar. Ambos realizaram o primeiro ano no ensino básico, tendo o aluno realizado já o segundo ano. As dificuldades de aprendizagem resumem-se a um importante fator: o desconhecimento da língua portuguesa, que condiciona atualmente o sucesso escolar dos alunos, postos perante a árdua tarefa de aprender conteúdos curriculares numa língua que desconhecem. Sobre os hábitos de estudo, o aluno faz os TPC no ATL, na própria escola. A aluna realiza esses trabalhos e o estudo em casa, sob o olhar atento da progenitora que a apoia, mas que desconhece completamente a língua de escolarização da filha, o português. Tendo em atenção a categoria três, nela foram elencados os tempos livres/ interesses e passatempos dos alunos. O aluno identificou como passatempo a ida ao parque da localidade onde vive, que integra um parque infantil, andar de bicicleta, jogar futebol e ver *cartoons* em

língua inglesa. A aluna referiu-se a estar com uma amiga, a ir ao parque infantil, ver *cartoons* e ler mas ambas as atividades em língua inglesa. Na categoria quatro, procuraram apurar-se quais as expectativas escolares e profissionais dos alunos. O aluno tem como expectativa ser polícia. A aluna quer estudar pelo menos por dez anos (para ela significa estudar durante muito tempo) e deseja ser médica.

No que se refere ao perfil de entrevistado “Pais”, destacando a primeira categoria, a mesma era o percurso migratório da família, sobre a data de chegada a Portugal e a data de entrada na escola. Tive dificuldade em fazer-me entender sobre esta questão, e logo, em recolher estes dados, mas pelo percurso escolar dos alunos, a família da aluna está pelo menos há dois anos em Portugal e a do aluno, pelo menos há três anos. Na 2.^a categoria recolhi e confirmei informação sobre a escolarização do aluno, que foi dada conforme o anteriormente referido. Por outro lado, a 3.^a categoria, trata da relação da família com a escola, e subcategorias, como apoio dos Pais/ Participação dos pais na escola, nível de escolaridade dos pais e práticas de literacia dos pais. Ora os pais inquiridos vão às reuniões da escola, (no dia da entrevista tinham ido a uma reunião, tendo o pai da aluna adiado uma viagem à Suíça, para ir à reunião de avaliação final da filha). Contudo, constatei que o pai do aluno teve de ser “ameaçado” com a reprovação do filho se não fosse naquele dia específico à escola, à reunião de final de ano do filho. Isso sucede, pois segundo a professora titular da turma, esse pai tem dificuldade em arranjar tempo para ir às reuniões, por estar sempre muito ocupado com o trabalho. Porém, ele compareceu e perguntou com insistência à professora titular da turma a razão pela qual o filho não obtinha um aproveitamento escolar muito bom. De notar que, no quotidiano, ao levar os alunos à escola, em cada manhã, estes pais perguntam frequentemente como os filhos estão a evoluir na escola, revelando muito interesse pelo percurso escolar dos filhos. Sobre o nível de escolaridade, ambos têm formação superior. Quanto a literacia, o pai do aluno escreve cartas com frequência e lê jornais, porém em língua inglesa; o pai da aluna escreve com regularidade e lê jornais em português.

No que diz respeito à 4.^a categoria, descrevi-a como perceção dos pais sobre interesses dos alunos, nomeadamente, passatempos. Tive também aqui dificuldade em fazer-me entender pelos pais pois eles não percebiam o que eu queria saber, mas os alunos já me tinham dado a informação sobre este tema. Quanto à 5.^a categoria, expectativas escolares dos pais para os alunos, recolhi a informação que o pai do rapaz quer que ele seja excelente aluno. Já o pai da aluna quer que ela estude o mais possível e durante um longo período de tempo.

Para o perfil de entrevistado “Professores”, a 1.^a categoria, Formação de docentes, sobre a formação em PLNM, inicial e especializada, os profissionais em apreço referiram que tinham formação inicial para ser professores de 1.^o ciclo, mas não tinham recebido formação especializada em PLNM. Assim, nessa matéria iam trabalhando a partir da troca de experiências que os seus pares lhes transmitiam, com a sua boa vontade. Citando uma professora inquirida quando se fez perguntas sobre o tema “Formação”:

“(...) Mas não tive formação nenhuma até aqui. Foi a experiência com as colegas e vendo as necessidades dos alunos... Por isso, lá está, se apostássemos mais nesta formação...”

A 2.^a categoria tinha a ver com os recursos e materiais pedagógicos, especificamente, o grau de adequação dos mesmos aos diferentes perfis de alunos de PLNM. Aqui, o feedback recebido remete para a escassez de recursos e materiais pedagógicos. Os manuais existentes são referidos como insuficientes e, muitas vezes, como desadequados ao perfil linguístico dos alunos. De notar que os professores inquiridos utilizam frequentemente a *internet*, pesquisando no motor de busca do “Google”, com os seus telemóveis pessoais.

Finalizando, a 3.^a categoria referia-se ao acesso às novas tecnologias. Sobre esta questão, a escola tem alguns computadores, estando um na biblioteca e outro no centro de recursos, mas são muito poucos e outros dois que estariam disponíveis, para agravar a situação, estavam, à data da realização das entrevistas, avariados. É de realçar o seguinte: estas professoras revelam que gostam da sua profissão e não a trocariam por outra.

Nas pesquisas por entrevista que realizei apontam para as limitações do contributo do PLNM para a inclusão escolar dos alunos: o sucesso desta medida, tomando como referência os casos que inquiri, reside mais no interesse dos professores e na sua proatividade ao apoiarem-se nas experiências dos seus pares, do que propriamente em formação recebida na área. Acresce a este cenário o facto do atual quadro legislativo impor um mínimo de 10 alunos como condição para formação de uma turma de PLNM, e permitir a junção de níveis, designadamente, o nível A1 (nível de iniciação) com o nível B1 (nível intermédio), com a consequente perda de qualidade das aulas. Pretendo trazer para o debate o facto de os professores que entrevistei referirem não terem o tempo necessário para trabalhar com estes alunos: estas aulas são consideradas componente não letiva no horário dos professores, o que retira tempo efetivo de aulas aos alunos de PLNM.

No que diz respeito aos materiais pedagógicos, os dados recolhidos referem-se ao número reduzido destes e à sua frequente inadequação ao perfil dos alunos alvo de PLNM, o que diminui a eficácia da medida. A professora coordenadora da escola e também professora de Apoio em PLNM, referiu-se à importância da existência da biblioteca como recurso para PLNM, pois usam muito os livros, o suporte físico, para exploração de imagens e de situações de comunicação. Trabalham com imagens para reconhecer e aprender a designar em português, por exemplo, animais ou aspetos mais relacionados com estudo do meio (estações do ano, por exemplo), e procuram dar maior ênfase à oralidade, compreensão e produção orais. As professoras inquiridas fizeram referência a *links* indicados pela tutela, destinados porém a alunos adultos (para responder a uma entrevista de trabalho, para manter uma conversaço).

3.8. OS RESULTADOS RESPONDEM À QUESTÃO DE PARTIDA?

Retomando a minha questão de partida, “*Que fatores sociais influenciam o ensino de PLNM e o seu sucesso?*” Tomando em consideração o perfil sociolinguístico dos alunos inquiridos, analisemos a zona onde se situa a escola que frequentam que é a mesma em que residem: uma periferia de uma área urbana ou uma zona suburbana. Os rendimentos encontrados nestas zonas traduzem-se em médios e médio-baixos. Na entrevista exploratória, a professora refere-se como sendo uma zona de baixos rendimentos.

Por seu turno, a professora coordenadora classifica os rendimentos como médios e desvalorizou o fator classe social. Referiu-se ao facto de alguns alunos terem melhor aproveitamento, outros pior, sendo esse facto independente da classe social e dependente da heterogeneidade de cada ser humano. A mesma entrevistada referiu também que não dispõe de dados que lhe permitam estabelecer a relação entre uma coisa e outra, entre sucesso no PLNM e classe social. Em sentido contrário, ambas as professoras de turma referem que a classe social tem muita importância no sucesso de PLNM. O pai da aluna de PLNM que inquiri também fez referência à importância de ter bons rendimentos. Ele trabalhava e tem sucesso na sua profissão, os rendimentos de que dispõem permitem a realização de viagens frequentes. Quando à progenitora, ela não trabalha. A filha não frequenta o ATL, por a mãe estar em casa e não tanto por qualquer constrangimento económico. Levanta-se a questão em torno das desigualdades sociais escolares dos descendentes de imigrantes, refletindo os resultados escolares dos membros de minorias de etnicamente diferenciadas essas

desigualdades. Poderão os alunos ser prejudicados por integrarem famílias com origem em países diferentes do país de acolhimento? (Seabra, 2010:61)

Em termos de tipologia ACM de lugares de classe social, o pai da aluna inquirida situa-se na classe de trabalhador independente (TI), usualmente com muitas horas de trabalho, sendo uma classe com níveis de rendimentos muito diversos. Encontram-se dentro da classe dos TI uns com níveis de rendimentos muito elevados e outros, pelo contrário, com níveis muito baixos. (Costa & Mauritti, 2018:109-129). Quanto ao pai do outro aluno entrevistado, tanto ele como a mãe do aluno trabalham numa frutaria. São comerciantes. Se tivermos em conta a sua localização numa classe social, esse progenitor é trabalhador independente (TI) ou situa-se na classe dos empregados executantes (EE), normalmente com baixos ou médio-baixos, capitais económicos e qualificacionais. O seu educando tem ATL na escola. Estes dados estão em sintonia com rendimentos médios/ e médio-baixos. As expectativas profissionais para o filho por parte destes pais situam-se em profissões como cozinheiro (mãe) e bombeiro (pai). Porém, não esquecer que o pai aspira a que o filho seja muito bom aluno. Já a aluna inquirida aspira a ser médica, possuindo altas aspirações profissionais e, conseqüentemente, académicas. Investigadores estudaram este tipo de fenómeno: o facto de descendentes de imigrantes, fazendo parte do público escolar de escolas situadas em populações com rendimentos baixos ou médio-baixos, terem aspirações profissionais e escolares, muito elevadas: "(...) os descendentes de imigrantes têm, em escolas com nível socioeconómico baixo, expectativas escolares mais elevadas que os seus pares" (Seabra, Roldão, Mateus, & Albuquerque, 2016: 40). Ora a escola que estudei situa-se num nível de rendimentos médio-baixo, o que vem corroborar esta tese.

Ambas as situações que inquiri, revelam existir por parte dos pais uma boa relação com a linguagem escrita, segundo os testemunhos dos filhos (os progenitores leem jornais, escrevem cartas), porém com maior facilidade na língua inglesa. Os próprios pais ou não falam a língua portuguesa (a mãe da aluna) ou falam com dificuldade, no caso dos pais dos alunos.

Em termos laborais (aspeto que se relaciona com a estabilidade/precaridade laboral em Portugal), ambos os casos que inquiri revelam muita instabilidade que se reflete também no absentismo dos alunos, originado pelas viagens frequentes dos progenitores. Num caso, no que se refere ao aluno cujo pai tem como profissão Chefe de Sushi, depreende-se que é um bom profissional e procura um país melhor para trabalhar e ter sucesso com a sua arte (a Suíça está em perspectiva, conforme revelado

por ele). O outro pai desdobra-se em viagens à Dinamarca, Estados Unidos e Canadá. A razão das viagens não foi revelada. Aqui se refletem, quiçá, expectativas para o futuro: viver num país que lhes proporcione as melhores condições, para si e família. Os alunos (e isso é referido pelas professoras) dominam bem a língua inglesa, e esse domínio pode ajudar na adaptação a outro qualquer país estrangeiro, pois é considerada uma língua universal. A importância dessa língua tem razões económicas: é a língua franca (Vieira da Silva & Gonçalves, 2011: 33). Por outro lado, a língua inglesa apropriou-se de muitas formas de cultura como o cinema, música e, mais recentemente, a internet, poderosos catalisadores de socialização.

Investigadores referem-se ao currículo “oculto” (Seabra 2010:261), que existe na escola. As famílias que conhecem as regras de funcionamento ocultas, seus princípios e lógicas preparam melhor os seus descendentes para se adaptarem com mais facilidade ao modelo escolar. Esta pesquisa revela que a instabilidade laboral dos pais e conseqüentemente a sua localização na “geografia” socioeconómica (na classe social) tem grande influência na proficiência linguística dos descendentes. As viagens frequentes da família dos alunos entrevistados, traduzem-se em elevado absentismo escolar dos filhos e diminuem o tempo de imersão linguística na língua portuguesa, a língua não materna, dificultando a apropriação da língua por parte destes alunos.

Paralelamente, toda a atitude dos alunos inquiridos revela alguma inibição e receio. Dir-se-ia que sentem que a nova língua que têm de aprender pretende dominar a sua língua materna, sobrepondo-se-lhe. Traduzirá este facto uma hegemonia da língua portuguesa sobre a língua materna dos alunos? A língua portuguesa é necessária para a integração plena destes alunos, segundo Ana Madeira (2005). Diz-nos que o Estado deve providenciar uma “integração eficaz” (Madeira, 2005: 3) destes alunos de PLNM. Porém se tomarmos em consideração o que nos diz Ofélia Garcia, a nova língua tem de ser aprendida mas em conjunto com a língua materna (Garcia, 1991). Das entrevistas que realizei, as docentes entrevistadas em “*focus group*”, referem que tiveram mais sucesso quando deixaram que o aluno trouxesse para a sala de aula a sua língua materna: deu o exemplo de ter aprendido algum vocabulário no idioma em que um seu aluno era autóctone.

3.9. O PODER DAS EXPETATIVAS SOBRE O SUCESSO ESCOLAR DOS ALUNOS

Gostaria de me debruçar sobre o poder das expetativas sobre o sucesso escolar e social dos alunos. No que se refere ao local onde recolhi os dados, as percepções transmitidas sobre o contexto socioeconómico apontam para uma escola localizada numa zona de baixos/ médio-baixos rendimentos económicos. Tendo em conta que os pais dos alunos têm escolaridade superior ou média, verificamos que o pai do aluno tem altas expetativas para o futuro do filho (a professora da turma refere que ele quer que o filho seja muito bom). Já a aluna tem ela própria expetativas escolares e profissionais elevadas.

Na entrevista exploratória a uma professora do 3.º ciclo e secundário que leciona PLNM as expetativas surgem como pano de fundo: ele refere-se à aluna de Bangladesh que tem atualmente, sobre a qual manifesta apreensão, exprimindo insegurança que ela possa ter sucesso, tendo em conta que a menina quer ser médica no futuro. A própria professora reflete sobre as expetativas e lembra casos como uma aluna de outra nacionalidade sobre a qual também não havia muitas expetativas e que agora é professora de português, sendo colega de trabalho desta professora. A professora diz-nos nessa entrevista que os pais dessa menina eram engenheiros e tinham expetativas muito altas para a filha e que ela veio a beneficiar disso, uma vez que os professores tinham expetativas baixas para ela. Está provado que o lugar que a família ocupa na sociedade, a classe social, é um fator de peso a ter em conta nesta equação do sucesso escolar dos alunos.

Está estudado o “poder da escola” na produção de resultados de sucesso (Seabra, 2010: 262). Seabra questiona, citando Ogbu (1978) referindo-se a alunos negros, até que ponto as baixas expetativas dos docentes poderão condicionar os resultados escolares. A escola tem o poder de produzir resultados de sucesso? Desconhecerá a escola o seu próprio poder?

Um outro fator de sucesso parece ser a capacidade de o aluno se adaptar, conformando-se, às normas escolares. Os alunos de origem indiana, segundo (Seabra, 2010: 262), têm grande capacidade de agir em conformidade com as regras escolares, o que favorece o seu sucesso escolar.

CONCLUSÕES

No presente trabalho comecei por integrar o PLNM no contexto histórico que vivemos, localizando-o no tempo e no espaço. Atualmente as migrações são um fenómeno social com enorme relevância. Quanto ao contexto geográfico, fiz referência às políticas públicas da Europa, e ao modo como Portugal, enquanto país europeu, concretizou a nível legislativo, o ensino de PLNM. Fiz referência à forma como o mesmo tema foi estudado em trabalhos de investigação anteriores. Este estudo foi desenvolvido com o objetivo de estudar a forma como está a ser implementado, numa escola concreta, o apoio de PLNM, identificando fatores socioeconómicos e linguísticos como potenciadores ou inibidores do sucesso na aprendizagem. Pretendi perceber ainda alguns aspetos que podem ser melhorados, no que se refere à aprendizagem de PLNM. Para o efeito, procedi à recolha de dados por meio de entrevistas semiestruturadas a intervenientes significativos, designadamente a alunos com apoio de PLNM, e respetivos pais, professores de apoio de PLNM, ou professores cujo grupo-turma integrava alunos de apoio de PLNM, coordenadores de escola. Realizei o tratamento dos dados recolhidos pelo método de análise de conteúdo, selecionando categorias, criando desta forma indicadores, tais como o perfil sociolinguístico dos alunos de PLNM, a formação de docentes em PLNM e os recursos usados em PLNM.

Concluí que os materiais pedagógicos são percecionados pelos professores como sendo poucos face às necessidades, e por vezes inadequados ao perfil dos alunos: os professores que inquiri reportam que há materiais (nomeadamente manuais) desajustados à idade dos alunos, pouco apelativos e em pouca quantidade. Sobre esta matéria, parece impor-se um maior investimento na criação de materiais de PLNM adequados de forma a atingir os objetivos propostos.

Elenquei medidas de melhoria ao PLNM, tais como apostar mais na formação para professores de PLNM - a formação em PLNM existente é reduzida, ou então não é divulgada de forma que chegue até aos professores de PLNM ou de apoio de PLNM (os docentes inquiridos referem-se a essa escassez de formação em PLNM pelo que urge trabalhar sobre esta temática, investindo nesses recursos humanos em termos de formação, pois é uma forma de investir no PLNM). Sugere-se apostar mais na Formação para professores de PLNM, por Temas: Saúde, Segurança, Alimentação, Festividades, Transportes, Desporto, Arte.

As estratégias utilizadas pelos professores de PLNM que entrevistei são, nomeadamente, uso imagens, usando frequentemente a *internet*, a partir de meios próprios, como o telemóvel pessoal. Socorrem-se do recurso a estruturas frásicas e léxico mais simples, adaptação de conteúdos, a valorização do progresso do aluno e acompanhamento individualizado.

Por outro lado, os testes diagnósticos frequentemente são referidos como não sendo adequados à capacidade intelectual dos alunos. Na entrevista exploratória a que fiz referência, de uma mãe de alunos de PLNM de 3.º ciclo, a entrevistada transmitiu que o seu filho referiu a desadequação entre a idade dele e os testes diagnósticos que realizou e os próprios materiais usados em PLNM, sentidos por ele como demasiado infantis. Assim, seria importante ajustar os testes diagnósticos à capacidade intelectual e também à idade dos destinatários. Aliás, essa entrevista exploratória mergulha-nos também na dificuldade que os migrantes têm em prestar o melhor apoio escolar aos filhos, mostrando-nos o universo de muitos migrantes, muitas vezes ilegais, nas dificuldades em obterem a legalização e num mundo laboral com carga horária excessiva, acarretando essa situação muitos problemas e dificuldades associadas a fragilidade social. O sucesso é possível, mas com recurso a associações de apoio e a muito trabalho e resiliência.

As pesquisas descritas neste trabalho poderão confirmar a que classifiquei como Hipótese 0: os perfis dos alunos são heterogéneos? No caso da menina nepalesa que entrevistei, a professora indica que ela não está, até à data, a ter sucesso. Mas, segundo Cummins (2000), a aprendizagem de uma língua exige tempo e a aluna frequenta o ensino em Portugal só desde há dois anos, tendo feito um ano de ensino Pré-escolar e o 1.º ano do ensino básico. Porém, a professora refere que é a primeira situação assim que lhe acontece. Isso vem reiterar o facto de os perfis linguísticos dos alunos serem sempre distintos. Será que as estratégias podem ser iguais, sendo os alunos tão diferentes? Poderão as estratégias propostas ser as mesmas para os alunos de PLNM que são muito distintos entre si (nepaleses, chineses, descendentes de emigrantes portugueses e de imigrantes dos PALOP)? Não se encontra um padrão, conforme a minha Hipótese 0 indica? Porém, não foi possível ter nenhuma resposta conclusiva, dado a fase de análise exploratória do trabalho

Quanto à HIPÓTESE 1, a saber, “*O tipo de exposição anterior à língua portuguesa fornece mais informação sobre as possíveis dificuldades dos alunos em PLNM do que as suas nacionalidades*”, refere-se à exposição anterior à língua portuguesa

Pois bem, os alunos nepaleses que inquiri não tinham tido exposição anterior à Língua Portuguesa e apresentam muitas dificuldades. Porém, estudos provam muitos casos de superação, sendo a motivação um forte aliado. E os alunos inquiridos estão muito motivados, pelo que têm imensas possibilidades de progredir. Aliás, o aluno inquirido está há três anos em Portugal e apresenta já uma progressão e vontade de falar português. Ele pede ao pai para falar português em casa. Verifica-se que o aluno começa a apresentar melhores resultados. É de tomar em conta que o aluno em apreço tem mais um ano de escolarização, e conseqüentemente, de exposição à língua que a aluna inquirida. Seria interessante realizar novo inquérito à aluna decorrido um ano. A aquisição de uma nova língua segunda, como vimos, precisa de tempo. As dificuldades da aluna resumir-se-ão a exposição ainda incipiente à língua? A aluna, estando a maior parte do tempo com a figura materna que não fala o português tem aqui um sério obstáculo ao seu progresso na aprendizagem da Língua Portuguesa. Pese embora esse facto, ambos os alunos foram já escolarizados em português e em inglês, ao contrário dos pais alfabetizados em nepali e inglês. Logo, a exposição anterior à língua portuguesa não parece ser relevante pelo que o meu raciocínio vai no sentido de refutar / infirmar esta hipótese. Todavia, tendo em conta o facto de a análise de resultados ser ainda exploratória, é prematura qualquer conclusão nesta fase.

Quanto aos objetivos deste trabalho, será que foram cumpridos? Relembro:

OBJETIVO 1:

Conhecer, numa escola, alguns alunos com apoio de PLNM a nível socioeconómico e linguístico.

SUBOBJETIVO 1.1.

Compreender a influência dos fatores sociais e sociolinguísticos na inclusão e sucesso de alguns alunos de PLNM de uma escola específica situada na periferia de uma área urbana.

OBJETIVO 2:

Saber se a frequência de apoio em PLNM fornece aos alunos entrevistados ferramentas necessárias ao seu sucesso escolar.

Sobre o objetivo 1 e subobjetivo 1.1, os dados recolhidos apesar da fase exploratória da investigação, permitiram aferir o perfil sociolinguístico dos alunos

inquiridos. Quanto ao objetivo 2, a fase de análise exploratória do trabalho não permite chegar a conclusões.

Que fatores sociais influenciam o ensino de PLNM e o seu sucesso?

De referir que estudos revelam que a alta escolaridade dos pais (indicadores de alto nível de literacia) e expectativas elevadas são favorecedores dos bons resultados escolares dos alunos. Ora estes alunos possuem estes dois fatores, pelo que as possibilidades de sucesso são muito elevadas, contrariamente ao que é perspetivado pelas professoras. A perceção dos entrevistados aponta para confirmar a tese que afirma que a classe social (diretamente relacionada com a alta escolaridade) é determinante no sucesso escolar. Nesta conformidade, a classe social onde o aluno e a família se integram não é um aspeto despreciado.

Tomando por base algumas das estratégias referidas no relatório de Ana Madeira (Madeira, 2014), cuja perspetiva partilho, os principais desafios são:

- A heterogeneidade, isto é, alunos descendentes de emigrantes portugueses e de imigrantes dos PALOP têm maior exposição à língua portuguesa que alunos chineses, nepaleses ou indianos, logo as estratégias têm de ser diferentes pois os alunos também o são. Acontece que as estratégias propostas são as mesmas para alunos que são muito distintos entre si.

- A dupla dimensão da Língua Portuguesa: a aprendizagem PLNM ter de ter em conta dois eixos: o eixo da comunicação em contexto social e o da aprendizagem formal. Há ainda a ter em conta a necessidade de ter um Plano individual de trabalho para os alunos de PLNM, para orientar o ensino da língua. Cada aluno de PLNM apresenta um perfil diferente.

Os dados que recolhi, apesar de incipientes, apontam para a importância de ser dado mais tempo para aprendizagem e ensino de PLNM. Na entrevista exploratória a uma docente de PLNM de 3.º ciclo e secundário, a entrevistada sobre esta questão diz o seguinte:

“(...) Esta língua (o PLNM) devia contar como componente letiva.”

Estas aulas têm uma representatividade diminuída, precisamente por serem consideradas componente não letiva no horário dos professores, retirando-se-lhes a importância e o impacto que deveriam ter nos horários, quer dos docentes, quer dos

alunos. Ora sobre esta questão há a dizer que a obrigatoriedade de existência de 10 alunos como condição para permitir a criação de uma turma de PLNM, segundo Pereira (2017) significou um retrocesso na forma de funcionamento do PLNM. Nessa conformidade, creio seria de todo o interesse que esta obrigatoriedade deixasse de existir. Isso implicava uma gestão diferente do horário dos professores e iria refletir-se em mais tempo de aulas concedido a estes alunos, tendo várias outras vantagens. , Manter-se-ia o PLNM por níveis, e voltaria a ser possível que os alunos de PLNM assistissem às aulas de Língua Portuguesa dos outros alunos autóctones, que deixariam de ocorrer em simultâneo com as aulas de PLNM, traduzindo-se isso também em mais tempo de imersão na língua portuguesa.

No futuro, haverá igualmente todo o interesse em valorizar a Língua Materna dos alunos migrantes, fazendo-lhe referência nas aulas (Cummins, 1986; Garcia, 1991). A avaliação das aprendizagens individuais em Língua Portuguesa deverá ser registada continuamente no Portfolio Europeu de Línguas, cujos descritores estão a ser traduzidos para as línguas com maior número de falantes, a saber, língua caboverdiana, ucraniano, mandarim e guzerate. E o nepali? Seria interessante perceber que diligências se poderiam fazer para que essa língua constasse no referido Portfolio Europeu de Línguas.

Pela forma como os inquiridos se referiram à implementação de PLNM, tendo em conta o universo de dados trabalhado, a perceção é que se fica aquém do proposto pelos diplomas legais, em termos de aprendizagem de português e de inclusão sociolinguística dos alunos. Há já muito trabalho feito e professores e alunos motivados, o que é fundamental, mas ainda falta muito para atingir a meta de tornar a sociedade portuguesa mais inclusiva, fazendo valer os direitos linguísticos dos cidadãos provindos de outros países, e de seus filhos. A meta a atingir é proporcionar sucesso escolar e inclusão plena de todos os cidadãos que integram a sociedade portuguesa, tendo o PLNM um papel de relevo neste processo.

Por fim, é de realçar que a Escola deve manifestar a sua missão, a saber, ensinar e possibilitar a integração social dos alunos, manifestando sempre expectativas positivas: o sucesso é possível e essa é a razão de ser da escola.

BIBLIOGRAFIA

- Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, (2016).
- Declaração Universal dos Direitos Humanos, (1948).
- Barbosa, P. & Flores, C. (2011). *Clíticos no português de herança de emigrantes bilingues de segunda geração*. Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 81-98.
- Bardin, L. (2018). *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Edições 70.
- Bryman, A. (2012). *Social research methods*. United Kingdom: Oxford University Press.
- Burgess, R. G. (1984), *A pesquisa de terreno. Uma introdução*, Oeiras: Celta
- Chomsky, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: The MIT Press.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*, Foris: Dordrecht.
- Costa, A. F. 1999 (2008), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras: Celta
- Costa, A. F. e Marutti, R., 2018, *Classes sociais e interseções de desigualdades, in Desigualdades Sociais, Portugal e a Europa*, Carmo, R. M., Sebastião, J, Azevedo, J., Martins, S. C., (Orgs.), Lisboa: Mundos Sociais.
- Cummins, J. (2000), *Language power and pedagogy*, Buffalo, NY: Multilingual Matters, Lda.
- Cummins, J. (2005). *A proposal for action: strategies for recognizing heritage language competence as a learning resource within the mainstream classroom*, The Modern Language Journal, Vol. 89, No. 4 (Winter, 2005), 585-592
- Flores, C. & Melo-Pfeifer, S. (2014). *Português como Língua de Herança e mudança linguística, Domínios de Linguagem*, <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>) -v.8, n.3 - ISSN 1980-5799
- Flores, C. (2008). *A Competência Sintática de Falantes Bilingues Luso-Alemães Regressados a Portugal. Um Estudo sobre Erosão Linguística*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho.
- Garcia, O. (1991). Bilingual education, *Focusschrift in honor of Joshua A. Fishman on the occasion of his 65th birthday*, Volume I, John Benjamins Publishing Co., Amsterdão / Filadélfia.
- Grosso, M. J. (2005). “*Língua estrangeira/Língua segunda*”. In: Cristóvão, Fernando (org) *et al.* Dicionário Temático da Lusofonia, Lisboa: Aclus – Texto Editores, 608.

- Klein, W. (1986). *Second language acquisition*. Cambridge: Cambridge, University Press.
- Leiria, I. (2004). *Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino. Idiomático* – Revista do Centro Virtual do Instituto Camões 3. http://www.clul.ul.pt/files/rita_goncalves/portuguesLSeLE.pdf (acedido a 3/7/2018).
- Machete, T. (2014). *O Ensino do Português como Língua Não materna, Um estudo de caso na Escola Básica 2,3 Professor António Pereira Coutinho, em Cascais*; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Lisboa.
- Madeira, A.(coord), (2014a) *Avaliação de impacto e medidas prospetivas para a oferta do Português Língua Não Materna (PLNM) no Sistema Educativo Português, Proposta de Orientações Programáticas de Português Língua não Materna (PLNM) para os Ensinos Básico e Secundário*, FCSH, Universidade Nova de Lisboa: DGE.
- Madeira, A.(coord), (2014b) *Avaliação de impactos e medidas prospetivas para a oferta do Português Língua Não Materna (PLNM) no Sistema Educativo Português*, Português Língua não Materna: Linhas de trabalho para a Educação Pré-Escolar, FCSH, Universidade Nova de Lisboa: DGE.
- Martins, A. S. (2006). *A Escola e a Escolarização em Portugal, Representações dos Imigrantes da Europa de Leste*, Edição co-financiada pelo Fundo Social Europeu, QREN. Lisboa: Alto-Comissariado para a imigração e diálogo intercultural (ACIDI, I.P.), Presidência do Conselho de Ministros.
- Matias, A. R. (2017). “O lugar das línguas imigrantes não europeias na sociologia das migrações internacionais”, in *Migrações internacionais e políticas públicas portuguesas*, Padilla, B, Azevedo, J. e França,T (org.) Lisboa: Editora Mundos Sociais,151-171.
- Meisel, J. M. (2001). *The simultaneous acquisition of two first languages: Early differentiation and subsequent development of grammars*. In J. Cenoz & F. Genesee (eds.), *Trends in bilingual acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 11-41.
- Ministério da Educação/GAERI (coord.) (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação.*– QECR, Conselho da Europa. Porto: ASA.

- Mira Mateus, M. H. (2007). *O ensino do Português como Língua Não Materna: algumas recomendações*. ILTEC.
- Mira Mateus, M. H., Caels, F. & Carvalho, N. (2008). "O ensino do Português em contexto multilingue – o que aprendemos com o projecto *Diversidade Linguística*", Encontro da APL sobre Português Língua Não Materna.
- Neves, P. & Guerra, R. (2015). *Teses em Ciências Sociais*. Lisboa: Sílabo.
- Pereira, C. (2017). *Enquadramento e Funcionamento da Disciplina de PLNM no sistema educativo português*. Revista de Estudos de Cultura, v. 7, Sergipe, 93-108. <https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/6558>
- Pereira, D. (2006). *Projecto Diversidade Linguística na Escola Portuguesa, Texto apresentado no Colóquio sobre Políticas de Língua e Diversidade*, realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, a 7 de Novembro de 2006.
- Saraiva, J. H. (1981). *História de Portugal, in Pequena História das Grandes Nações*, direção de Otto Zierer, Lisboa: Edição de Círculo de Leitores, 120.
- Seabra, T., Roldão, C., Mateus, S. & Albuquerque, A. (2016). *Caminhos escolares de jovens africanos (PALOP) que acedem ao ensino superior*. Lisboa: Alto-Comissariado para as Migrações, I.P.
- Silva, O. J. R. C. (2019). *in Aprendizagem da língua caboverdeana através de dispositivos móveis, "Por Entre as Águas do Atlântico, projetos, processos e experiências internacionais de pró-mobilidade internacional atravessando e sendo atravessados por Brasil e Cabo Verde"*, Spigolon, Nima I – Wanderley, Claudia M. – Mazza, Débora (Orgs.) Navegando (edição digital): Minas Gerais, 94.
- Solla, L. & Santos, F. (2009), *Aprendizagem de Português L2 – Criação e aplicação de estratégias e materiais conducentes ao sucesso educativo dos alunos PLNM*, in Seminário sobre metodologias de ensino de PLNM, Fundação Calouste Gulbenkian, ESE-IPS, Setúbal/ILTEC.
- Vieira da Silva, M. C. & Gonçalves, C. (2011). *Diversidade Linguística no Sistema Educativo Português: Necessidades e Práticas Pedagógicas no Ensino Básico e Secundário*, *Observatório das Migrações, Estudo 46*, Carneiro, R. (Org.), Lisboa: Alto-Comissariado para a imigração e diálogo intercultural (ACIDI, I.P.), Presidência do Conselho de Ministros.

LEGISLAÇÃO – Diplomas de Referência

Português Língua Não Materna no Currículo Nacional, Documento Orientador, julho 2005

Despacho Normativo n.º 7/2006, de 6 de fevereiro de 2006, Diário da República n.º 26/2006, Série I-B, Ministério da Educação. Lisboa.

Despacho Normativo n.º 30/2007, de 10 de agosto, Diário da República n.º 154/2007, Série II, Ministério da Educação – Gabinete do Secretário de Estado da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, Diário da República n.º 129/2012, Série I, Ministério da Educação e Ciência, Lisboa. (este decreto foi alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 91/2013, de 10 de julho, e 176/2014, de 12 de dezembro)

ANEXOS

GUIÕES DE ENTREVISTAS ⁸

GUIÃO DE ENTREVISTA – DIRETOR ESCOLA

TEMA: O Ensino de PLNM e dinâmicas sociais

CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA – PLNM

1. Em 1 de setembro qual era o número total de alunos matriculados na sua escola?
2. Qual o número total de alunos cuja língua materna não é o português? E por ciclo?
3. Qual a percentagem (valor aproximado) na sua escola de alunos cuja língua materna não é o português?
 - a) 25% ou menos
 - b) 26% a 50%
 - c) 51% a 75%
 - d) 76% a 90%
 - e) Mais de 90%
4. O que melhor caracteriza o nível médio de rendimentos da área em que a sua escola se localiza (elevado / médio / baixo)?
5. Neste estabelecimento de ensino, desde que ano letivo foi implementado o Ensino de PLNM?

⁸- Os Guiões têm as seguintes notas prévias: “Este questionário faz parte dum estudo que pretendo realizar no âmbito do Mestrado em Educação e Sociedade no ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa, cujo tema é “O ensino de Português Língua Não Materna e Dinâmicas Sociais”. Com esta entrevista pretende-se recolher um conjunto de informações relativamente ao ensino de PLNM de 1.º Ciclo na sua escola. (Guião entrevista para Diretores/ Coordenadores/ Professores de PLNM ou Professores de turma de PLNM de 1.º ciclo / Com esta entrevista recolheremos dados sobre como está a correr o ensino de Português Língua Não Materna do/da seu/sua filho/a. (Guião de Entrevista a Pais). Com esta entrevista pretende-se recolher um conjunto de informações, sobre a tua experiência nesta escola. (Guião de Entrevistas a Alunos de PLNM). Não há respostas «certas» nem «erradas». As suas respostas devem ser as que estão «certas» para si. Garantimos o anonimato. Todas as suas respostas são confidenciais.

6. O que melhor caracteriza a área em que a sua escola se localiza? Urbana com grande densidade populacional / Suburbana – periferia da área urbana/ cidade de média dimensão / pequena vila ou aldeia / zona rural remota

7. Qual a importância atribuída pela escola no ensino das seguintes competências de língua aos alunos do 1.º ciclo de PLNM: Lei tura; Escrita; Oralidade; audição (quais os aspetos a que se dá maior ênfase, média ênfase, pouca ênfase).

8. A sua escola oferece opções diferentes para o ensino da leitura, de acordo com o nível, aos alunos do 4.º ano cuja língua materna não é o português? Sim? Não? Refira-se a essa problemática.

9. Na sua perspetiva, quais os fatores que podem ter maior impacto no sucesso do ensino de PLNM?

RECURSOS E TECNOLOGIAS

1. A sua escola tem biblioteca?

2. Quantos computadores estão disponíveis para uso dos alunos?

3. Tem recursos audiovisuais para o ensino da leitura?

4. A sua escola recorre ao uso de tecnologias para o ensino de PLNM? Refira-se a esse recurso nas aulas de PLNM.

ENVOLVIMENTO DOS PAIS NA ESCOLA

1. Como vê o envolvimento dos pais de alunos de PLNM nas atividades das escolas?

2. Com que frequência a escola informa os pais dos alunos de PLNM sobre o comportamento e aproveitamento escolar dos seus educandos?

3. No final de cada período costumam convidar os pais de alunos de PLNM para vir às atividades da escola, para conviver e ver os trabalhos realizados pelos seus filhos?

GUIÃO DE ENTREVISTA – PAIS ALUNOS DE PLNM

TEMA: O Ensino de PLNM e dinâmicas sociais

1 – ESCOLAS E CONTEXTOS – TRAJETÓRIAS ESCOLARES –EXPETATIVAS

1.1. O/A seu/sua filho/a gosta de estudar?

- 1.2. Ele/a gosta desta escola? Que razões motivaram a sua escolha desta escola para o/a seu/sua filho/a ?
- 1.3. Sente que os professores o ajudam a ao seu filho motivando-o/a para aprender?
- 1.4. Ele/a frequentou outra(s) escola(s) antes desta?
- 1.5. Ele/a relaciona-se bem com os outros alunos?
- 1.6. Ele/a relaciona-se bem com os professores?
- 1.7. Ele/a relaciona-se bem com os funcionários?
- 1.8. Nas escolas que ele frequentou havia quadro de honra (ou outra forma de reconhecer o mérito)?
- 1.9. O/A seu/sua filho/a tem alguma forma de apoio escolar (explicações, aulas de apoio, ou ASE – ação social escolar)?
- 1.10. Até quando gostaria que o /a seu/sua filho/a estudasse?

2. RELAÇÃO COM A LEITURA

- 2.1. Gosta de ler?
- 2.2. Gosta de escrever?
- 2.3. Tem livros em casa? Se respondeu sim, que tipo de livros?
- 2.4. Que tipo de leituras prefere? (Jornais, revistas, internet, anúncios, boletins, livros)
- 2.5. Gosta de oferecer livros ao/ à seu/sua filho/a?
- 2.6. Costuma fazer pesquisas na Internet? Se sim, sobre que temas?

3. ORIGENS

- 3.1. Em que país nasceu?
- 3.2. Até que ano de escolaridade, ou quantos anos de escola frequentou? Em que língua/s estudou? E em que país/ses?
- 3.3. Qual é a sua profissão? (durante a conversa, tentar especificar o mais possível)
- 3.4. Que motivos o levaram a migrar?
- 3.5. Quantos filhos tem? O/A filho/a que estuda nesta turma é o/a mais novo/a, o/a mais velho/a? Estão todos a estudar?
- 3.6. E o/a seu/sua filho/a nasceu em que país? Conhece bem o país onde nasceu?
- 3.7. O seu filho conhece bem o país de origem dos seus próprios pais?
- 3.8. O/a seu/sua filho/a estudou noutros países? Se sim, quais?

4. ESTRATÉGIAS FAMILIARES NO ACOMPANHAMENTO ESCOLAR

- 4.1. Vem a reuniões com o diretor ou responsável de turma? Participa na associação de pais? Porque acha importante estar presente nessas reuniões?
- 4.2. Costuma apoiar seu/sua filho/a nos trabalhos escolares?
- 4.3. Procura motivar seu/sua filho/a para estudar?
- 4.4. Escolheu a escola que seu/sua filho/a frequenta?
- 4.5. Que expectativas escolares tem para os seus filhos?
- 4.6. Tem uma rotina que faça seu/sua filho/a deitar cedo? O/A seu/sua filho/a tem um tempo para realização dos trabalhos escolares de casa?
- 4.7. Deixa tempo para seu/sua filho/a conviver com os amigos, e para se divertir ou ter passatempos?

5. CONTEXTOS ASSOCIATIVOS

- 5.1. Participa em projetos comunitários? E os seus filhos?
- 5.2. De que tipo? Religiosos? Associativos? Recreativos?
- 5.3. Como são as atividades que desenvolve?
- 5.4. Essas atividades mudaram alguma coisa no percurso escolar do seu/sua filho/a?
- 5.5. Gosta dos amigos do seu/sua filho/a?
- 5.6. Que atividades desenvolve o seu/sua filho/a em conjunto com os amigos?

6. RELAÇÃO COM A LINGUA PORTUGUESA

- 6.1. Que línguas conhece? E que línguas fala?
- 6.2. Que língua fala com a/o sua/seu/esposa/o? E no trabalho?
- 6.3. Que língua fala com outros familiares?
- 6.4. Que língua fala com amigos?
- 6.5. Qual a língua que o seu/sua filho/a aprendeu primeiro a falar em casa com a família?
- 6.6. E hoje, que língua fala em sua casa com o/a seu/sua filho/a?
- 6.7. O seu/sua filho/a gosta de aprender a Língua Portuguesa?
- 6.8. Sabe do que mais gosta o/a seu/sua filho/a das aulas de Português PLNM?

6.9. Na sua opinião quando o/aseu/sua filho/a crescer, qual a utilidade de ele/a dominar a Língua Portuguesa?

6.10. Na sua opinião, o/a seu/sua filho/a no futuro quer viver aqui em Portugal ou noutra país? Porquê?

GUIÃO DE ENTREVISTA – PROFESSORES DE TURMA QUE INTEGRA ALUNOS DE PLNM

TEMA: ensino de PLNM e dinâmicas sociais

CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA – PLNM

1. Em 1 de setembro qual era o número total de alunos matriculados na sua escola?

2. Qual o número total de alunos cuja língua materna não é o português? E por ciclo?

3. Qual a percentagem (valor aproximado) na sua escola de alunos cuja língua materna não é o português?

a) 25% ou menos

b) 26% a 50%

c) 51% a 75%

d) 76% a 90%

e) Mais de 90%

4. O que melhor caracteriza o nível médio de rendimentos da área em que a sua escola se localiza (elevado / médio / baixo)?

5. Neste estabelecimento de ensino, desde que ano letivo foi implementado o Ensino de PLNM?

6. O que melhor caracteriza a área em que a sua escola se localiza? Urbana com grande densidade populacional / Suburbana – periferia da área urbana/ cidade de média dimensão / pequena vila ou aldeia / zona rural remota

7. Qual a importância atribuída pela escola no ensino das seguintes competências de língua aos alunos do 1.º ciclo de PLNM: Lei tura; Escrita; Oralidade; audição (quais os aspetos a que se dá maior ênfase, média ênfase, pouca ênfase).

8. A sua escola oferece opções diferentes para o ensino da leitura, de acordo com o nível, aos alunos do 4.º ano cuja língua materna não é o português? Sim? Não? Refira-se a essa problemática.

RECURSOS E TECNOLOGIAS

1. A sua escola tem biblioteca? É um recurso usado para o ensino de PLNM?
2. Quantos computadores estão disponíveis? E para o uso dos alunos de PLNM?
3. Tem recursos audiovisuais para o ensino da leitura da Língua Portuguesa?
4. Como classifica quanto à adequação os materiais para o ensino de PLNM?
Suficientes/ insuficientes adequados/inadequados escassos/ abundantes limitados ou criativos?

ENVOLVIMENTO DOS PAIS NA ESCOLA

1. Como vê o envolvimento dos pais dos alunos de PLNM nas atividades das escolas?
2. Com que frequência a escola informa os pais dos alunos de PLNM sobre o comportamento e aproveitamento escolar dos seus educandos?
3. No final de cada período costumam convidar os pais dos alunos de PLNM para vir às atividades da escola, para conviver e ver os trabalhos realizados pelos seus filhos?

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA – PLNM E PERCURSO PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE PLNM

1. Gosta de ser professor? Sente-se satisfeito com o emprego de ser professor?
2. Como surgiu, no seu percurso profissional, esta vertente de ensino de Língua Portuguesa - PLNM?
3. Há quanto tempo leciona PLNM?
4. Que expectativas tem face ao desempenho dos alunos de PLNM?
5. Que alunos têm mais dificuldade em aprender PLNM?

6. Qual a maior dificuldade na tarefa de ensinar PLNM?
7. Qual o balanço que faz sobre essa tarefa de ensino de PLNM?
8. Que experiências destaca como positivas tendo em conta a sua prática pedagógica?
9. Que mudanças acha desejáveis no ensino de PLNM?
10. Que fatores refere como maiores facilitadores desta tarefa?
11. Na sua perspetiva, quais os fatores que podem ter maior impacto no sucesso do ensino de PLNM?
12. Qual a sua formação de base como professor?
13. Que formação realizou para ser professor de PLNM? Formação inicial ou fez outra formação subsequente, contínua? Como conjuga esta atividade de lecionar PLNM com a atividade de lecionar outras disciplinas? As outras disciplinas são dadas por si ou pelos seus colegas? Trabalham coletivamente?
14. Como caracteriza o desejo dos alunos de PLNM em terem sucesso na escola? (elevado; médio; baixo).
15. Os seus alunos de PLNM andaram sempre na escola em Portugal ou frequentaram a escola noutro país antes de virem para Portugal? Em que países e quanto tempo?
16. Os seus alunos de PLNM têm algum apoio escolar (aulas de apoio)? E Ação Social Escolar (ASE)?
17. Que expetativas tem face ao desempenho dos alunos de PLNM?
18. Que alunos têm mais dificuldade em aprender PLNM?
19. Os seus alunos de PLNM frequentaram o ensino pré-escolar?
20. Pela sua experiência, a classe social dos alunos tem importância no desempenho deles na aprendizagem de PLNM?

GUIÃO DE ENTREVISTA – ALUNOS 1.º Ciclo:

1 – ESCOLAS E CONTEXTOS – TRAJETÓRIAS ESCOLARES –EXPETATIVAS

- 1.1. Na escola, em que ano de escolaridade estás neste momento?
- 1.2. Gostas de estudar?
- 1.3. Como foram os primeiros dias na escola em Portugal?
- 1.4. Sentes-te bem na escola em Portugal?
- 1.5. Dás-te bem com os teus colegas na escola atual?
- 1.6. Gostas de estar na tua turma atual?
- 1.7. E com os professores? Sentes que os professores te ajudam na escola atual, te ajudam?
- 1.8. Frequentaste outra(s) escola(s) antes desta?
- 1.9. Nas escolas que frequentaste, como te davas com os outros alunos?
- 1.10. E com os professores?
- 1.11. Nas escolas que frequentaste havia prémios se tivesses boas notas? E nesta?
- 1.12. Quando fores grande o que queres ser?
- 1.13. O que gostavas de estudar no futuro?
- 1.14. Queres no futuro viver em Portugal ou noutra país? Porquê?
- 1.15. Gostas de estar em Portugal? De que gostas mais?

2. RELAÇÃO COM A LEITURA

- 2.1. Tens livros em casa?
- 2.2. Gostas de ler?
- 2.3. Que tipo de livros gostas mais de ler?
- 2.4. Gostas que te ofereçam livros?
- 2.5. Se sim, que tipo de livros preferes?
- 2.6. Costumas fazer pesquisas na Internet? Se sim, sobre que temas?
- 2.7. Os teus pais gostam de ler? Em que tipo de situações vês mais os teus pais a ler?
- 2.8. Os teus pais gostam de escrever? Em que tipo de situações vês mais os teus pais a escrever?

3. ORIGENS

- 3.1. Em que país nasceste?
- 3.2. Qual é a profissão dos teus pais? (por exemplo: professor, Bombeiro, cabeleireira, polícia)
- 3.3. Em relação ao/s seu/s irmão/s, onde te situas? (É o mais novo, o mais velho)
- 3.4. Mudaste de casa alguma vez?

4. ESTRATÉGIAS FAMILIARES NO ACOMPANHAMENTO ESCOLAR

- 4.1. Os teus pais vêm à escola falar com os professores?
- 4.2. Os pais gostam que estudes? Falam-te nisso?
- 4.3. Os teus pais dão-te apoio nos trabalhos da escola?
- 4.4. Até que ano achas que os teus pais quererão que tu estudes?
- 4.5. Costumas deitar-te cedo?
- 4.6. Tens um quarto onde possas estudar?
- 4.7. Tens um tempo para fazer os trabalhos escolares de casa?

4.8. Tens tempo para conviver com os teus amigos, e para te divertires ou ter passatempos?

5. CONTEXTOS ASSOCIATIVOS

5.1. Como conhecestes os teus amigos? Moravam perto da tua casa? Conhecestes-os na escola? Ou no desporto? Ou nos tempos livres?

5.2. Com os teus amigos, brincas a quê?

5.3. Os teus amigos gostam da escola?

5.4. Queres manter esses amigos mesmo quando mudares de escola?

6. RELAÇÃO COM A LINGUA PORTUGUESA

6.1. Qual a língua que aprendeste primeiro a falar, em casa com a tua família?

6.2. Que língua falas hoje em tua casa?

6.3. Que línguas falas hoje com os teus amigos?

6.4. Gostas de aprender a Língua Portuguesa?

6.5. O que mais gostas das aulas de Português PLNM?

6.6. Quando cresceres, na tua opinião para que serve falares e escreveres bem em Português?

6.7. Que línguas além do português consegues compreender numa canção? E se for num desenho animado?

GRELHAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

ANÁLISE DE CONTEÚDO: À ENTREVISTA EXPLORATÓRIA – MÃE DE 2 ALUNOS DE PLNM - 3.º CICLO E À ENTREVISTA A PAIS DE ALUNOS DE PLNM

<u>Categorias</u>	<u>Ocorrências no discurso</u>	<u>Comentários/inferências</u>	<u>Sentimento presente</u>
Percurso escolar dos filhos			
Percurso escolar da própria mãe			
Profissão			
Expetativas para o futuro			
Relação com a leitura e a palavra escrita Literacia do aluno e dos pais			
Integração social			

Participação na vida escolar dos filhos			
Apoio dado aos filhos			
Línguas faladas L1, L2 e LE			
Grau de Adequação dos Materiais Pedagógicos de PLNM			
Acesso às novas tecnologias			

ANÁLISE DE CONTEÚDO À ENTREVISTA 1 – ALUNO PLNM 1.º CICLO

<u>Categorias</u>	<u>Ocorrências no discurso</u>	<u>Comentários/inferências</u>	<u>Sentimento presente</u>
Percurso escolar dos filhos			
Percurso escolar da própria mãe			
Profissão			
Expetativas para o futuro			
Relação com a leitura e a palavra escrita Literacia do aluno e dos pais			
Integração social			
Participação na vida escolar dos filhos			
Apoio dado aos filhos			
Línguas faladas L1, L2 e LE			
Grau de Adequação dos Materiais Pedagógicos de PLNM			
Acesso às novas tecnologias			

ANÁLISE DE CONTEÚDO ÀS ENTREVISTAS 3 e 4 – PROFESSORES DA TURMA QUE INTEGRA OS ALUNOS DE PLNM 1.º CICLO e PROFESSORA COORDENADORA DE ESCOLA E PROFESSORA DE PLNM

<u>Indicador</u>	<u>Ocorrências no discurso</u>	<u>Comentários/inferências</u>	<u>Sentimento presente</u>
N.º total de alunos da escola			
N.º total de alunos da escola de PLNM			
Existência de PLNM há quanto tempo existe?			
Localização da escola			
Participação dos pais			
Expetativas dos pais dos alunos de PLNM			
Profissão dos pais			
Competências mais valorizadas			
Adequação dos Materiais Pedagógicos de PLNM			
Integração social: Contextos sociais em que o aluno fala a língua portuguesa			
Percursos escolares			
Línguas faladas L1, L2 e LE			
Relação com a leitura			
Novas tecnologias			
Principais obstáculos /facilitadores da aprendizagem de PLNM			
Grau de satisfação com a profissão docente			

Formação de docentes em PLNM			
Adequação de materiais pedagógicos			
Expetativas dos professores em relação aos alunos de PLNM			